



Bia Bedran



Thalita Rebouças



William Douglas



**Appai aproxima a comunidade escolar do universo de livros e autores na Bienal**



## O desafio da leitura: uma pedra no caminho do futuro

Francisca Romana Giacometti Paris\*

O gigante adormecido que desperta, a economia que volta ao *top 10* das mais poderosas do planeta, o país que vive seu mais consistente ciclo de prosperidade dos últimos 30 anos corre o risco de ver seu sonho de futuro brilhante embaçado pela miopia com que sempre tratou a educação.

Não sabíamos ler no passado, lemos pouco no presente e avançamos lentamente demais para um futuro que bate às nossas portas. Isso é o que se pode concluir de informações recentemente publicadas na imprensa sobre a lenta redução nas taxas de analfabetismo dos adultos e na preocupante persistência do iletramento das crianças e jovens que já estão na escola. Como bem alertou o sociólogo Simon Schartzman, se o tema fosse localizado entre os adultos e idosos, saberíamos que somos lenientes com uma dívida social do passado. Ao ver que o problema persiste entre crianças e adolescentes, temos de ser conscientes de que, como nação, ainda não tomamos plena consciência da gravidade desse drama que se perpetua.

A começar do fato de que, na sociedade contemporânea, intensivamente tecnológica e globalizada, o analfabetismo absoluto deveria ser visto como uma dessas doenças enterradas no passado, como a peste negra e a varíola. Ou seja, precisamos vê-las como inadmissíveis e absolutamente inaceitáveis, tanto quanto a fome.

Mas é necessário ir além. O analfabetismo absoluto é um conceito que tem pouca validade no mundo atual. Precisaríamos balizar nossas opiniões e nossas

políticas pela noção contemporânea do problema, que é o analfabetismo funcional. No primeiro caso, são indivíduos que não sabem sequer os rudimentos do alfabeto. No segundo, são pessoas que sabem escrever e ler o próprio nome, mas permanecem incapazes de compreender um jornal, um manual ou escrever um texto um pouco mais elaborado.

E, nesse caso, as porcentagens sobem assustadoramente. Há um número para isso, calculado pelo Instituto Paulo Montenegro, ligado ao Ibope, que publica o Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional (Inaf). Os dados de 2009 mostram que apenas um terço dos jovens brasileiros de 15 a 24 anos se encaixa no que o indicador chama de "alfabetização plena". Mais: 15% estão entre o analfabetismo total e a alfabetização rudimentar.

Esse dado só tem uma explicação, e ela é terrível: milhares de crianças e jovens estão passando pela escola e dela saindo ainda incapazes de ler (e, portanto, de escrever), em um nível inadequado para um país no qual já faltam empregados qualificados. São crianças e jovens que não apenas terão dificuldades de inserção profissional, mas terão menos probabilidades de compreensão de seus direitos e deveres democráticos, sofrerão mais com doenças, marginalidade, gravidez precoce e exclusão.

É urgente mudar. E ainda é urgente sair desse estado de fatos em que todos concordam com a necessidade da mudança e tão pouco se faz para mudar.

\* **Francisca Romana Giacometti Paris** é pedagoga, mestre em Educação e diretora de serviços educacionais do Agora Sistema de Ensino ([www.souagora.com.br](http://www.souagora.com.br)) e do Ético Sistema de Ensino ([www.sejaetico.com.br](http://www.sejaetico.com.br)), da Editora Saraiva.



**Conselho Editorial**  
Julio Cesar da Costa  
Ednaldo Carvalho Silva

**Jornalismo**  
Antônia Lúcia Figueiredo  
(M.T. RJ 22685JP)

**Colaboração**  
Cláudia Sanches, Sandra Martins,  
Tony Carvalho e Marcela Figueiredo

**Fotografia**  
Marcelo Ávila e Tony Carvalho

**Design Gráfico**  
Luiz Cláudio de Oliveira

**Revisão**  
Sandro Gomes

**Periodicidade e tiragem**  
Bimestral – 100.000 (cem mil)

**Impressão e distribuição**  
Gráfica Ediouro – Correios

**Professores, enviem seus projetos para a redação do Jornal Educar:**

**End.:** Rua Senador Dantas, 117/229  
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.  
CEP: 20031-911

**E-mail:** [jornaleducar@appai.org.br](mailto:jornaleducar@appai.org.br)  
[redacao@appai.org.br](mailto:redacao@appai.org.br)

**Endereço Eletrônico:**  
[www.appai.org.br](http://www.appai.org.br)

**Tel.:** (21) 3983-3200

Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.



## Transpsicomotricidade Edu- cacional:

**Psicomotricidade de Base Complexa a  
Serviço da Educação Inclusiva**

*Eduardo Costa\**

A revolução que se apresenta como condição para o surgimento de uma nova escola assusta e paralisa aqueles que ainda não vislumbraram como possível um espaço escolar e social, onde a diversidade e a singularidade possam conviver em harmonia com a coletividade e o bem comum.

Aceitamos como irrefutáveis os valores que temos perpetuado através de nossas lógicas, pensamentos e gestos. “Somos possuídos pela cultura que possuímos”.

E, nessas possessões, nos movemos cegamente, nem sempre em direção à maleabilidade e humildade, mas quase sempre na da arrogância e do absolutismo.

Muitos têm sido os movimentos que atravessam a Educação brasileira e internacional, cada qual com suas cartilhas, onde a transformação é imposta como se fosse possível agir de modo diferente do que se acredita e do que se incorporou na vida. As capacitações de professores, ao longo dos anos, vêm atuando a partir de um modelo racionalista, no qual a aquisição de saberes sobre as novas tecnologias educacionais parece bastar para impulsionar novos olhares e atos docentes.

Como resultante, muito pouco se altera nas rotinas escolares, modificando-se apenas a burocracia obrigatória aos alunos, pais, professores e instituição.

Mesmo quando se trata da noção de risco em saúde pública, conceito com o qual o cidadão é obrigado a se defrontar na mídia, nas interações cotidianas e em seus próprios receios, não conseguimos adesão total. Ainda temos aqueles que não utilizam preservativos, aqueles que ainda fumam, aqueles que adotam as condutas “cientificamente/politicamente” incorretas em virtude de seus valores, necessidades, histórias, culturas, gêneros, religiões, dentre outras singularidades.

Não se consegue mudanças de comportamento sem uma reorganização de velhas reações e para isso

é preciso ter consciência delas, o que o ritmo acelerado e as tensões cotidianas roubam da maioria de nós.

A Transpsicomotricidade Educacional busca abrir esses espaços reflexivos, atuando na base onde são inscritos os comportamentos – o corpo – e facilitando a maleabilização dos valores de gênero, transgeracionais e culturais para a adoção de novas condutas, mais convergentes com a solidariedade e a aceitação da multiplicidade, imprescindíveis à Educação e à Sociedade Inclusiva.

Com suas propostas de resgate da ação em comum (comunicação), especialmente nos seus aspectos não verbais – o jogo, os diálogos gestuais –, a Transpsicomotricidade se coloca como ponto de reconciliação provisória dos antagonismos, onde as opiniões mais divergentes possam ser consideradas faces de uma mesma e multifacetada situação.

Um espaço onde a contribuição de cada sujeito enriqueça e amplie a capacidade de compreensão e a consequente convivência com as situações cotidianas. A partir da aceitação de quem somos e de que não teremos muitas certezas para nos apoiarmos, enfrentaremos os erros e ilusões com ajuda da religação dos olhares com nossos parceiros e parceiras de contexto, construindo a transdisciplinaridade em prol de encontrar saídas e modos de enfrentamento das crises e pestes que nos assolam.

Evidentemente o caminho apontado por nossa formação não é o único, nem é uma panaceia para a Educação Inclusiva. Contudo, com a condição de estarmos sempre abertos à reconstrução, acreditamos apresentar uma via em direção a tornar fato o que propõem as políticas públicas brasileiras, reflexo da urgente necessidade de equidade social, com direitos e deveres realmente *para todos*.

---

\* **Eduardo Costa** é Mestre e Doutor em Ciências: saúde da criança - IFF/Fiocruz, docente de cursos de Pós-Graduação em Educação, Sócio titular da Associação Brasileira de Psicomotricidade, formador e criador da Transpsicomotricidade Educacional e Presidente da ONG Sociedade Brincar é Viver.





# Já estão abertas as inscrições para as atividades físicas de Caminhadas e Corridas

Faça parte e acrescente saúde e mais qualidade de vida ao seu ritmo

A Appai já está cadastrando no sítio [www.appai.org.br](http://www.appai.org.br) todos os interessados em participar dos treinamentos e dos circuitos abertos disponibilizados pelo **Benefício Caminhadas e Corridas**, sob a orientação de um profissional da área.

As atividades serão realizadas nas regiões atendidas pela Appai mediante a formação de um grupo. O beneficiário também pode indicar um local próximo ao seu trabalho ou residência no qual gostaria de ver essas atividades sendo praticadas.

Inclusive já estamos cadastrando profissionais de Educação Física - que tenham prática em caminhadas e corridas - para atuar como instrutores. Todas as sugestões serão avaliadas.

**Associado**, vamos fazer desse **novo benefício** um grande movimento de integração, saúde e lazer.



"Eu apoio as atividades físicas em grupo, pois além de promoverem saúde também garantem integração e lazer". Márcia Narloch, medalhista de ouro na maratona do pan-americano



# Appai na Bienal

Estande Appai: P33 - Pavilhão Verde

Auditório Azul  
Local das Palestras

A educadora apresenta aula espetáculo.

**BIA  
BEDRAN**

Dia 8, às 15h



O escritor dá dicas de memorização para passar em concursos públicos.



**WILLIAM  
DOUGLAS**

Dia 8, às 17h30



A escritora palestra para os professores.

**THALITA  
REBOUÇAS**

Dia 9, às 15h





# Tão perto e tão longe...

Projeto desvenda talentos, riqueza histórica e potencial turístico de Nova Iguaçu

Claudia Sanches

A proposta era levar os alunos a desenvolverem o traçado e ampliar o processo de ensino-aprendizagem. Mas o que era apenas uma atividade em sala de aula se tornou uma *vernissage* que revelou nove jovens artistas. Esse evento se realizou graças ao projeto *Um novo olhar sobre Nova Iguaçu*, no Colégio Estadual Dr. Mário Guimarães.

Nas paredes do auditório estavam expostos desenhos da Torre Sineira da Igreja de Nossa Senhora da Piedade, Igreja de Nossa Senhora de Marapicu, Porto de Iguaçu Velho e Fazenda Nova Bernardino, alguns pontos turísticos da cidade. A inauguração da exposição contou com a presença de educadores comprometidos com o projeto, como Cleber Machado, de Geografia; Márcia Costa e Ana Maria Oliveira, de Artes; da família da diretora da escola, Claudia Somma, e da representante da Coordenadoria da Metropolitana I, Imar Moemo. "Arte é uma forma de expor as nossas emoções e cultura. A disciplina, que se resumia

em recortar, colar e fazer mosaico, hoje ganha um papel fundamental na educação", disse a secretária.

De acordo com a professora de Artes Márcia Costa, mentora do projeto, o planejamento, o ponto de partida foi uma pesquisa

na Internet sobre os pontos turísticos e históricos da cidade. Para isso o grupo, composto por alunos do segundo segmento dos ensinos Fundamental e Médio, contou com a parceria do professor de Geografia e também guia turístico Cleber Machado. Depois da seleção dos locais a serem visitados os professores

organizaram as excursões. Nas saídas, cada um escolheu o lugar e os ângulos que despertavam maior interesse para fotografar.

De volta à sala de aula os artistas tinham a missão de desenhar a foto que escolheram.

Durante a produção das peças, as turmas se engajaram no processo e os jovens ficaram curiosos para conhecer a cidade:



Criatividade e integração foram a base para o sucesso do projeto retratado pelos desenhos expostos



Além de retratar os pontos turísticos e históricos das cidades os alunos tiveram oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a região em que moram



“Pretendíamos que eles trabalhassem na escola. Os outros estudantes queriam saber o que estavam desenhando e eles contavam toda a história do local, como foi o caso do Cemitério dos Escravos, onde hoje se enterram indigentes e pessoas carentes, revelando quanta riqueza há na região da Baixada e deixando a todos encantados”, conta Ana Maria.

Muito além de estimular habilidades específicas, o projeto levantou muitas informações sobre a época, o modo de vida da população e levou os estudantes e educadores a refletirem sobre o que representou a Baixada para a história do Brasil: “A intenção era levar um olhar crítico sobre essa realidade. Toda a riqueza que o país produzia passava por aqui. A maneira inadequada de exploração do solo levou a febre amarela para Iguazu Velho, o que obrigou a população a se transferir para outro centro. Estou satisfeito em contribuir para desvendar os tesouros de nossa cidade”, afirmou Cleber.

Para a jovem Taynara Martins, do 2º ano, que se diz compulsiva por desenho e reproduziu a Fazenda São Bernardino, a oportunidade de conhecer sua origem foi muito importante. Segundo ela, o mais bacana foi chegar em casa e contar que teve contato com lugares que sua família, que mora ali há anos, não conhecia: “Meus pais se espantaram não só com meus trabalhos, porque não imaginavam que eu era uma artista, apesar de saberem que eu desenhava, mas também



com a existência desses sítios arqueológicos. Foi uma troca de experiências muito grande”.

Entre os destaques estão retratadas a Torre Sineira das ruínas da Igreja de Nossa Senhora da Piedade e a Fazenda Nova Bernardino, produtora de açúcar e lenha, e sede de todo o comércio de Nova

Iguaçu. Outro local abordado foi o extinto Porto Iguazu, de onde vinha toda mercadoria produzida pelos barões do café, que era escoada pela Estrada Real para outras partes do país.

No futuro, a ideia da professora Márcia é realizar uma exposição itinerante, que seguirá do auditório para o espaço escolar todo, e depois para a Casa de Cultura de Nova Iguazu. Para a educadora o projeto foi um encontro muito feliz da arte com outras áreas do conhecimento: “Valeu muito poder registrar essas histórias. No final todos ficaram satisfeitos porque estavam se autodescobrindo através do local em que vivem. Esse é realmente um novo olhar sobre Nova Iguazu”, conclui Márcia.

Colégio Estadual Dr. Mário Guimarães  
Rua João Batista Rodrigues, s/nº – Dom Rodrigo –  
Nova Iguazu/RJ  
CEP: 26260-340  
Tel.: (21) 2688-0685  
Diretora: Claudia Somma  
Fotos: Marcelo Ávila



# Cruzando conhecimentos

Temas transversais despertam alunos para temas ligados aos seus cotidianos

Marcela Figueiredo

Dentro do assunto “Saúde”, um dos grupos escolheu falar sobre câncer de mama e, para abordar a questão, os jovens prepararam cartazes com fotos e legendas explicativas. A escolha desse tema se deveu ao fato de que a mãe de uma das alunas já havia sofrido duas vezes com a doença e, por isso, acharam interessante falar sobre a importância do diagnóstico



**H**á três anos o Colégio Estadual Professor Quirino realiza a feira Integrada de Ciências Exatas e Biológicas. O processo consiste em debates, pesquisas e encontros em salas de aula, a fim de definir o assunto que cada grupo irá abordar para o aperfeiçoamento do trabalho. Durante o percurso, professores dão suporte com dicas de locais para pesquisa e sugestões sobre como montar a atividade.

Para a Feira de Ciências Exatas e Biológicas os alunos prepararam estandes e apresentações nas salas de aula com brincadeiras que estimulam o raciocínio lógico, informações sobre o sistema solar, peças de teatro e cartazes com informações sobre diversos tipos de doenças. Além da participação dos estudantes, em muitos desses trabalhos houve a opinião, a ajuda e a dedicação de pais e amigos dos alunos. Muitos deles estiveram presentes desde a escolha do tema até o dia da apresentação. A ideia era fazer com que tudo saísse perfeito e os visitantes voltassem para casa com o maior número possível de informações.



Nos estandes, era possível receber informações sobre causas, prevenção e tratamento de doenças



precoce e a necessidade de não abandonar o tratamento. No dia da apresentação, a mãe da aluna estava presente e era praticamente um dos integrantes do grupo. Olivi Costa dava informações e se colocava como exemplo para explicar a importância de ter conhecimento sobre os diversos tipos de câncer.

Durante a feira, foi possível perceber o quanto as experiências pessoais e a vida escolar dos alunos se cruzam. O resultado foi muito positivo. Caroline da Silva é aluna do segundo ano e trabalha como cabeleireira. Como tema de pesquisa escolheu falar sobre tecnologias e descobriu o quanto as investigações nessa área contribuíram para o aperfeiçoamento dos tratamentos estéticos. “A feira é um evento legal porque faz com que a gente pesquise sobre os assuntos e acabe se interessando e aprendendo mais. Descobri que a tecnologia está em todos os setores, na música, na moda, na estética. Tinha muita coisa que eu não sabia e acabei aprendendo”, revela Caroline.

O grupo da aluna Márcia Costa escolheu falar sobre a diabetes. Por quê? Uma das jovens descobriu que tinha a doença e, ao perceberem que não se tratava de algo tão raro quanto se imaginava, eles acharam importante utilizar o espaço da feira para conscientizar outras pessoas. “Esse tipo de atividade é importante porque ajuda a proporcionar informações para muita gente. Há mães que nunca levaram seus filhos para fazer um exame de sangue e, quando a gente começa a falar sobre esses assuntos na escola, isso funciona como uma forma de alerta”, destaca a aluna do primeiro ano.

Outras doenças fizeram parte dos motes escolhidos pelos alunos, como tuberculose, dengue e



Alunos desafiam os visitantes a criar novas formas geométricas e a desenvolver o raciocínio

hanseníase entre outras. Os estudantes foram aos postos de saúde para buscar informações e fizeram pesquisas em *sites* de instituições especializadas. Mas foi a troca de informação entre a própria comunidade escolar que deu fôlego ao projeto. Todos estavam muito envolvidos e tinham como objetivo não a boa apresentação para os professores, mas a aquisição de conhecimento para esclarecimento dos visitantes. É o que demonstra a resposta de Bruna Santos: “Por causa da feira nós fizemos pesquisas, adquirimos informações e ainda pudemos ensinar outras pessoas”, assegura a aluna do segundo ano. Denisvania da Silva completa: “O bom da feira é que cada um fala sobre um tema. Isso estimula as pessoas a pesquisarem, e a gente aprende bastante.

Elisabeth Rocha, membro da diretoria pedagógica da Coordenadoria Metropolitana III, esteve no evento e reconheceu a importância de projetos pedagógicos como o realizado pelo Colégio Estadual Professor Quirino: “A feira é importante para a integração. Nela, os alunos divulgam o que aprenderam e toda a comunidade escolar participa”, afirma Elisabeth. Diretora do colégio há 18 anos, Ronia das Graças Batista diz que um dos objetivos da feira é exatamente “promover a integração”. Além disso, o projeto procura “despertar o interesse dos estudantes para o conhecimento e mostrar que eles podem crescer”. Os depoimentos dos alunos e visitantes da feira deixam claro que os objetivos estão sendo alcançados.



Colégio Estadual Professor Quirino  
Rua Luciano, 151 – Santo Elias – Mesquita/RJ  
CEP: 26562-070  
Tel.: (21) 3765-8827  
Diretora: Ronia das Graças Batista  
Fotos: Marcelo Ávila



# Educação, cultura, arte

Escola utiliza a música para despertar o interesse por diferentes disciplinas

Marcela Figueiredo

Durante dois meses a música foi o instrumento utilizado para ensinar História, Língua Portuguesa e Artes. Para completar o repertório entrou a disciplina Educação Física com dicas de coreografias. Tudo começou quando, no início do semestre, o corpo docente do Ciep Joracy Camargo se reuniu e desenvolveu o projeto *Evolução da Música* onde os alunos, através das canções de diversos períodos, teriam que fazer a análise das letras e dos fatos históricos. Depois da pesquisa, os estudantes teriam que elaborar uma apresentação de dança utilizando roupas e acessórios que remetessem à segunda metade do século XX.

Primeiro os estudantes pesquisaram o que aconteceu no Brasil e no mundo na década que deveriam estudar. Depois, utilizando as músicas do período, eles analisavam as letras e as contextualizavam, relacionando-as com os acontecimentos. Outra etapa da pesquisa foi verificar os hábitos das pessoas: modos de se vestir, como dançavam, lugares que

frequentavam, como as festas eram realizadas. Feito isso, foi só juntar tudo, preparar a coreografia e aguardar o dia da apresentação. O objetivo da escola foi aprimorar o nível cultural dos alunos. Os períodos e as músicas foram o ponto de partida para se pensar o vocabulário, as roupas e os fatos que entraram para a história.

Os trabalhos foram apresentados para toda a escola, e os professores estavam na primeira fileira da plateia. Valéria Pereira, diretora adjunta do colégio, destaca a importância de serem desenvolvidas novas práticas de ensino: "Esta atividade mostra o quanto a escola está viva e que é possível ensinar de forma prazerosa. Os alunos se sentem prestigiados e acabam aprendendo mais facilmente", afirma a diretora.

Os estudantes, por sua vez, deram conta do recado. Fizeram um passeio pela bossa-nova, pelo rock nacional, sertanejo, choro, samba e outros ritmos. O figurino foi um espetáculo à parte: saias de bolinha,





# e lazer

traje *hippy*, cabelo *black power*, calça boca sino, óculos escuros e muito estilo para incorporar cada personagem. E qual professor não ficaria orgulhoso ao ver que seus alunos aprenderam a contextualizar a criação e a queda do muro de Berlim, o surgimento da Funai, a influência norte-americana nos hábitos brasileiros e a revolução sexual feminina? Tudo com a utilização da música.

Para os alunos o ganho é completo. Eles aumentam seu conhecimento dançando e cantando músicas que já não fazem parte do dia a dia. "Nós aprendemos a valorizar o tempo que passou. Foi ótimo recordar outras épocas e poder ver que aconteceram coisas importantes em outros períodos", destaca a aluna Jéssica Neves. Já para a professora de História Isabel Cristina Gonçalves, as atividades promovidas na escola têm reflexos também fora dela. "Nós estamos preparando para a vida. Estes projetos colaboram para a formação e para o de-

envolvimento dos alunos", afirma a docente, que auxiliou no processo de pesquisa.

O Ciep Joracy Camargo é um colégio para formação de professores. Além de técnicas e métodos de ensino, os estudantes, através dos diversos projetos realizados, adquirem uma formação ampla que contribui também para a elevação do nível cultural. Além disso, saem mais capacitados a proporcionar aos futuros alunos um ensino com qualidade e prazer.

Ciep – 380 Joracy Camargo  
Rua Almeida Santos, s/nº – Centro – Belford Roxo/RJ  
CEP: 26130-420  
Tels.: (21) 2661-1092 / 3775-3101  
Diretora Adjunta: Valéria Pereira  
Fotos: Marcelo Ávila

Alunos do Ensino Médio incorporam o personagem e participam com ritmo, coreografia e caracterização



# Gincana Ecológica

Projeto interdisciplinar recolhe das ruas cerca de 700 quilos de *pets*

**Sandra Martins**

**C**riatividade, parceria, competitividade e muita animação marcaram a *Gincana Ecológica*, projeto interdisciplinar realizado no Ciep 168 – Ilda Silveira Rodrigues, no bairro Jardim

Laranjeiras, em Nova Iguaçu, que tem tradição de trabalhos pedagógicos envolvendo a cultura da preservação ambiental. Ao longo de uma semana, alunos dos turnos da manhã e tarde do Ensino Fundamental (sexto ao nono anos) e do Médio foram incentivados pelos professores a participar de tarefas ou provas que estimulassem a reflexão para os problemas ambientais decorrentes das atitudes do próprio homem.

As tarefas da gincana foram de caráter lúdico e competitivo desenvolvidas por professores de diferentes áreas – Matemática, História, Geografia, Artes, Biologia, Português, Educação Física, Língua Estrangeira. Como em toda boa gincana, houve premiações – troféus e medalhas – para as equipes que conquistaram o maior número de pontos obtidos na execução das diferentes tarefas.

As atividades, apresentadas às equipes com antecedência de 30 dias do evento, foram compostas de: recolhimento de latinhas e de garrafas *pet*, coleta de alimentos não perecíveis, criação de brinquedos construídos com coisas recicláveis, desfile de casal com vestimenta de materiais reaproveitados, gritos de guerra, soletrando, paródia, jogos matemáticos, jogo de pergunta e resposta, cabo de guerra (misto), atividade desportiva e pré-desportiva (vôlei bolão e queimado), além de atividades extras (touro mecânico, escalada de muro).

De acordo com Heverson Reis, professor de Educação Física e coordenador do projeto, este trabalho busca fazer com que o aluno se perceba integrante,





dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, e assim possa contribuir ativamente para a melhora do lugar em que vive. Por isso é estimulada a participação do estudante em atividades corporais e artísticas de natureza relacional, organizando e intervindo nas tarefas de forma autônoma, adotando atitudes de respeito mútuo e de solidariedade.

Dividida em três fases (inicial, medial e final), a *Gincana Ecológica* foi iniciada com a formação das equipes, sorteios das bandeiras (amarela, azul, vermelha, verde, lilás, preta e rosa) que cada grupo iria representar e a distribuição das sete primeiras tarefas da disputa. Para organizar as equipes buscou-se mesclar turmas de séries diferentes, com vistas à integração e equilíbrio de competências entre os participantes. Cada grupo teve um professor mediador com a responsabilidade de apoiar, incentivar e avaliar o comprometimento dos alunos.

Foram realizadas reuniões com representantes das equipes para monitoramento do andamento das atividades e esclarecimento de dúvidas. “As sete primeiras tarefas eram as de maior peso da gincana, exigindo muito esforço, trabalho coletivo e criatividade por parte das equipes. A paródia, o grito de guerra, o desfile de vestimenta, a criação de brinquedos com materiais recicláveis, a coleta de *pets* e de latinhas e alimentos não perecíveis faziam parte dessas tarefas”, ressaltou Heverson.

As equipes entregavam os materiais recicláveis para armazenagem no colégio, que depois eram entregues ao ferro-velho de forma fracionada para a pesagem. Foram retirados das ruas cerca de 700 quilos de *pets* e latinhas que, certamente, teriam um destino incorreto, passando a causar danos ambientais. Neste mesmo período, as equipes unidas arrecadaram cerca de dois mil quilos de alimentos não perecíveis

A prática esportiva a serviço do meio ambiente. Alunos executam várias atividades corporais adotando atitudes de respeito, integração e sociabilização em prol da disseminação da Gincana Ecológica

doados por moradores da região. Os próprios alunos montaram cestas básicas e as distribuíram às famílias carentes da localidade.

## Segunda fase

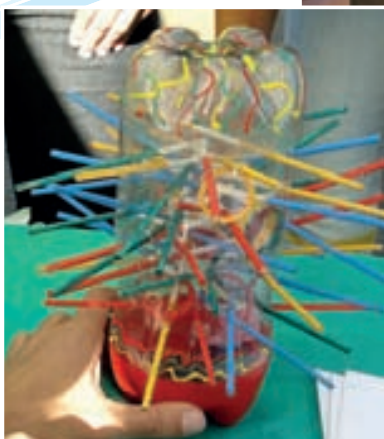
A segunda fase, a medial, traduziu-se por um grande espetáculo marcado pela animação das torcidas: todas as equipes – amarela, preta, rosa, azul, verde e vermelha – apresentaram suas tarefas e participaram das atividades que somavam pontos para a gincana. Motivação, determinação e empenho no trabalho coletivo eram alguns dos critérios observados pelos jurados, formados pelos professores Lina (Matemática), Cremilda (Artes), Marcio, Lucimere e Solange (Língua Portuguesa), Érica (História) e Cristina (Inglês).

Dessa forma, analisaram atentamente os gritos de guerra temáticos produzidos pelas equipes ou a preferência do público pelo desfile do casal com vestimentas e acessórios de materiais recicláveis: sacos de lixo preto foram transformados em *blazers*, de jornal surgiu um par de sandálias e bolsa, assim como sacos plásticos cor-de-rosa foram ressignificados para virarem um lindo vestido. Um espetáculo à parte foi a mascote de peso: um elefante! O boneco inflável, em tamanho natural, chamava atenção e adornava o ambiente, além de representar os animais vitimados pelos problemas ambientais acarretados pela intervenção do ser humano.

## Uma gincana interdisciplinar

“A Matemática esteve bastante presente na gincana. Transformamos o ambiente de puro agito ocasionado pelas características das provas em um ambiente de extremo silêncio oscilando com grandes vibrações provocadas pelas equipes que comemoravam





As confecções de objetos a partir de material reutilizado tiveram um peso especial na pontuação geral das equipes



o sucesso de seus representantes no jogo matemático de perguntas e respostas”, disse Heverson. Mas também é bom lembrar que os conceitos dessa disciplina foram amplamente usados quando se fazia a pesagem das sucatas, no preparo das cestas básicas e sua distribuição. E as disciplinas de Português e Ciências se fizeram presentes no jogo Soletrando, cujas palavras seguiam o tema “ecologia”. Vencia a equipe que fizesse o maior número de acertos em dois minutos.

No jogo perguntas e respostas, as equipes receberam um texto de ecologia para estudo na fase inicial do projeto. O representante da equipe, para ter o direito de responder, teria que passar por obstáculos (circuito) e estourar a bola no final do percurso. O grupo vencedor foi o que teve o maior número de

acertos. As grandes finais dos jogos mobilizaram outras equipes, visto que o terceiro lugar seria da que perdeu para a equipe campeã. No final da disputa, 20 alunos foram eleitos por suas participações especiais no evento e, em seguida, foi divulgado o resultado final da gincana e houve a entrega dos troféus às equipes campeãs.

Ciep 168 – Hilda Silveira Rodrigues  
Avenida Santa Cruz, s/nº – Jardim Laranjeiras – Nova Iguaçu/RJ  
CEP: 26341-490  
Tel.: (21) 3778-0032  
Direção: Sonia Regina do Nascimento da Silva  
Coordenador do projeto: Professor Heverson Reis  
Fotos cedidas pela escola





## Appai

Tel.: (21) 3983-3200  
Portal: [www.appai.org.br/ciclo/form.asp](http://www.appai.org.br/ciclo/form.asp)  
Inscrição – e-mail:  
[treinamento@appai.org.br](mailto:treinamento@appai.org.br)

### 1 - TDAH – Déficit de Atenção/Hiperatividade na Escola

Data: 15/09/2011

Horário: 8h30 às 12h30 – quinta-feira

Objetivo: propiciar aos profissionais de Educação lidar com o TDAH, na sala de aula e em todos os ambientes escolares.

Palestrante: Gustavo Teixeira

### 2 - Contar Histórias: Entretecer os Fios da Memória

Data: 21/09/2011

Horário: 8h30 às 12h30 – quarta-feira

Objetivo: identificar a importância da narrativa para a formação do sujeito nos aspectos social, afetivo, artístico e cognitivo; perceber a expressividade por meio da linguagem oral como elemento fundamental nas interações sociais.

Palestrante: Patrícia da S. Pacheco

### 3 - Interfaces entre o Desenvolvimento da Linguagem Oral e Escrita

Data: 29/09/2011

Horário: 8h30 às 12h30 – quinta-feira

Objetivo: proporcionar aos profissionais de Educação o conhecimento dos estágios do desenvolvimento da linguagem oral, os quais se tornam imprescindíveis para o aprendizado do código escrito.

Palestrante: Kátia Badin

## Casa da Ciência UFRJ Tel.: (21) 2542-7494

### Exposição

#### 1 - Sensações do Passado Geológico da Terra

De: 8 de fevereiro a 25 de setembro de 2011  
A exposição temporária *Sensações do Passado Geológico da Terra* é apresentada pela Casa da Ciência da UFRJ, em parceria com o Departamento de Geologia da UFRJ. Venha atravessar a história da Terra e vivenciar os grandes eventos de transformação do nosso planeta. E você ainda vai se divertir e aprender com diversas atividades paralelas, que vão aguçar e mexer com seus sentidos.

## Senac Rio

Tel.: (21) 4002-2002

### 1 - Psicomotricidade

Objetivo: Planejar e aplicar atividades que favoreçam o desenvolvimento motor e das percepções sensoriais, cinestésicas, quines-tésicas, psicomotoras e afetivas no trabalho com as crianças.

### 2 - Práticas Pedagógicas no Atendimento a Pessoas com Necessidades Especiais

Objetivo: Colaborar no planejamento e nas

adaptações curriculares para inclusão de práticas pedagógicas que atendam a pessoas com necessidades especiais. Planejar atividades pedagógicas que atendam às diversidades de necessidades existentes e às variações de inclusão.

## Uerj

Tel.: (21) 2334-0639

### I - Congresso Internacional do FoMerco

O evento, que esse ano terá como tema os 20 anos do Mercosul, é voltado para professores universitários, alunos de graduação em Relações Internacionais e pós-graduação, profissionais do setor público e privado ligados aos assuntos internacionais e de política externa brasileira.

Data: quarta, quinta e sexta-feira, entre 14 e 16 de setembro de 2011, das 8h30 às 20h.

Custo: para estudantes de graduação é de R\$ 45,00; estudantes de pós-graduação pagam R\$ 90,00 e profissionais, R\$ 150,00.

Inscrições: (Cepuerj) [www.cepuerj.uerj.br](http://www.cepuerj.uerj.br), até 9 de setembro.

### II - Uerj/SR-3/Decult - Oficinas de Criação Artística

As oficinas de criação artística da Uerj abrangem todas as linguagens das artes.

Local: Centro Cultural da Uerj

Período letivo: de 5 de setembro a 9 de dezembro de 2011

Atendimento: de segunda a sexta, de 10 às 18h

#### 1 - A linguagem da aquarela

Alberto Kaplan

Quarta-feira, de 14 às 17h

Local: Centro Cultural da Uerj/Sala 05

(Projeto Artista Visitante / Oficina gratuita para a comunidade interna, taxa de matrícula R\$10,00)

#### 2 - Artesanato ecológico e sustentabilidade

Isabelle Pacheco

Quarta-feira, de 9 às 12h

Local: Centro Cultural da Uerj/Sala 05

#### 3 - História da arte brasileira no século xx

Alberto Kaplan

Terça-feira, de 17h30 às 20h30

Local: Centro Cultural da Uerj/Sala 05

(Projeto Artista Visitante / Oficina gratuita para a comunidade interna, taxa de matrícula R\$10,00)

#### 4 - Técnica e autocrítica no desenho e na pintura

Otávio Avancini

Segunda-feira, de 9h30 às 12h30

Local: Centro Cultural da Uerj/Sala 03

#### 5 - Fotografia

Mário Tadeu

Turma 1 – segunda-feira, de 14 às 17h

Turma 2 – segunda-feira, de 17 às 20h

Local: Centro Cultural da Uerj/Midioteca

#### 6 - Roteiro Cinematográfico

Alexandre Freitas

Terça-feira, de 15 às 18h

Local: Centro Cultural da Uerj/Midioteca

#### 7 - Dança afro

Eliete Miranda

Segunda-feira, de 18 às 21h

Local: Centro Cultural da Uerj/Sala 04

### 8 - Dança e cultura Hip-hop

Dinho Mendes

Terça-feira, de 18h30 às 21h30

Local: Centro Cultural da Uerj/Sala 04

### 9 - Oficina de canto e técnica vocal

Michele Barsand

Segunda-feira, de 15 às 18h

Local: Centro Cultural da Uerj/Sala M3

### 10 - Teoria e percepção musical

Isaías Ferreira

Quarta-feira, de 10 às 13h

10 às 11:25h (Nível I) – Alunos iniciantes

11:35 às 13h (Nível II) – Alunos adiantados

Obs.: Caso desejem, todos os alunos poderão assistir às aulas dos níveis I e II.

Local: Centro Cultural da Uerj/Sala M2

(Projeto Artista Visitante / Oficina gratuita para a comunidade interna, taxa de matrícula R\$10,00)

## Ladif – UFRJ

Tel.: (21) 2562-7188

### Curso de Extensão para Professores

É comum que as escolas tenham em seu calendário datas reservadas para que seus alunos visitem exposições e museus. Mas muitos professores ainda sentem dificuldade na hora de relacionar o conteúdo da exposição com as atividades em sala de aula. Com o objetivo de capacitar esses professores, o Laboratório Didático do Instituto de Física da UFRJ (Ladif) vai realizar em setembro um curso de extensão.

O curso pretende propiciar aos professores um conhecimento maior sobre as exposições do Ladif e ajudá-los a preparar projetos que integrem melhor o conteúdo das exposições com as aulas.

O curso tem como público-alvo professores de Ciências do Ensino Fundamental e professores de Física do Ensino Médio. A carga horária é de oito horas, sendo quatro presenciais e as outras quatro à distância.

Início: 12 de setembro

Inscrições até 30 de agosto

## Estação das Letras

Tel.: (21) 3237-3947

### 1 – Entrelaçamentos: Filosofia e Poesia

Ementa: A criação poética e a filosofia sempre mantiveram, ao longo da história, uma relação complexa: da refutação da poesia pela filosofia platônica à exaltação poética empreendida por Nietzsche, filosofia e poesia se afastaram, se encontraram e se inspiraram mutuamente, produzindo uma na outra efeitos sempre benéficos para a criação do pensamento.

Professor – Palestra sobre Holderlin:

Prof. Dr. Mario Bruno – Professor de Filosofia, Bacharel em Filosofia pela Uerj, Doutor em Letras e em Teoria Psicanalítica, ambas pela UFRJ. Atualmente leciona no departamento de Letras da Uerj.

Professor – Palestra sobre Manoel de Barros: Prof. Dr. Elton Luiz Leite de Souza – Mestre e Doutor em Filosofia pela Uerj, Mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ e professor da Unirio.

Período e horários: De 01 a 29/09 – quintas-feiras, das 18h40 a 20h40

Carga horária: 8 horas / aula



# Professor, teste seus conhecimentos

Atendendo a sugestão do leitor, a Revista Appai Educar selecionou algumas questões pedagógicas e de legislação educacional, com seus gabaritos, aplicadas por várias instituições organizadoras de concursos para o magistério.

1) (Funcab) São diretrizes determinadas no Artigo 27 da LDB, Lei nº 9.394/96, no que se refere aos conteúdos curriculares da educação básica, EXCETO:

- a) a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática.
- b) consideração das condições de escolaridade dos alunos em cada estabelecimento.
- c) orientação para o trabalho.
- d) promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não formais.
- e) promoção da cultura artística, por meio de visitas a museus e salas culturais.

2) (Cesgranrio) A avaliação da aprendizagem é etapa relevante no processo educacional. Nesse sentido, em uma perspectiva crítico-emancipatória, o processo avaliativo deve proceder à(ao):

- a) classificação dos sujeitos a partir de seus desempenhos, indicando os que serão retidos e os que serão aprovados.
- b) divisão dos sujeitos avaliados em bem-sucedidos e mal-sucedidos para previsão do tipo de inserção social futura.
- c) troca de ideias entre avaliadores e sujeitos avaliados, que conduza a uma abstenção em emitir juízo de valor ou qualquer tomada de decisão.
- d) julgamento de valor do desempenho para tomada de decisões, a partir de critérios claros e instrumentos diversificados.

3) (Funadepi) O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I – Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.
- II – Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber.
- III – Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas.

Assinale a alternativa correta.

- a) Apenas a assertiva I está correta.
- b) Apenas a assertiva II está correta.
- c) Apenas a assertiva III está correta.
- d) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
- e) Todas as assertivas estão corretas.

4) (Acaplam) A circulação dos conhecimentos construídos no ambiente escolar ganha sentido quando ocorre a interação permanente entre o saber escolar e os demais saberes, entre o que o aluno aprende na escola e o que ele traz para a escola. Assim a educação escolar deve constituir-se como:

- a) uma ajuda assistemática e situada para crianças, adolescentes e jovens durante um período contínuo e extensivo de tempo.
- b) uma forma de assistencialismo haja vista que os estudantes das classes populares são carentes.
- c) senso comum, enquanto ponto de partida e chegada da aprendizagem.
- d) um fenômeno individual e informal, pois sendo universal é também idiossincrático.
- e) uma ajuda intencional, sistemática, planejada e continuada para crianças, jovens e adultos durante um período contínuo e extensivo de tempo.

5) (Idecan) Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), NÃO é correto afirmar que:

- a) Os PCNs estão alicerçados na Constituição Federal de

1988 e na Lei de Diretrizes e Bases de 1996, apresentando alguns princípios que deverão orientar a educação popular no Brasil.

- b) Avaliar significa tornar implícitas as expectativas de aprendizagem.
- c) A organização da escolaridade em ciclos possibilita que o currículo seja trabalhado ao longo de um período maior de tempo, respeitando os diferentes ritmos de aprendizagem que os alunos apresentam.
- d) Configuram-se de uma proposta flexível a ser concretizada nas decisões regionais e locais sobre currículos e programas de transformação da realidade educacional empreendidas pelas autoridades governamentais, pelas escolas e pelos educadores.
- e) Os Temas Transversais constituídos nos PCNs não se constituem de novas áreas, pois são definidos como temas que perpassam a concepção, os objetivos, os conteúdos e os procedimentos didáticos.

6) (Ipad) Sobre a avaliação formativa, analise as afirmações abaixo:

- 1. Visa verificar a quantidade de conhecimentos adquiridos pelos alunos ao longo do processo educativo.
- 2. Facilita a tomada de decisões pelo professor durante o processo de ensino.
- 3. Pressupõe a regulação das aprendizagens, caminhando por aproximações sucessivas.
- 4. Prevê, ao final de um período, favorecer uma visão geral sobre o desempenho do estudante.
- 5. Pressupõe constantes redefinições de metas.

São corretas:

- a) 1, 2 e 3, apenas.
- b) 2, 3 e 4, apenas.
- c) 2, 3 e 5, apenas.
- d) 3, 4 e 5, apenas.
- e) 1, 2, 3, 4 e 5.

7) (FCC) Em relação à Libras, reconhecida legalmente a partir de 2002 (Lei Federal nº 10.436/2002), pode-se afirmar que:

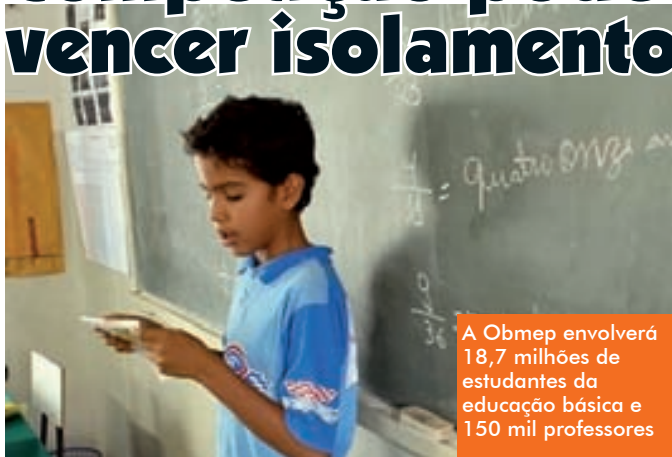
- a) por se referir a uma modalidade de comunicação que substitui a língua portuguesa para os que dela fazem uso, deve ser adotada como linguagem alternativa à língua portuguesa em todos os estabelecimentos públicos de educação básica.
- b) se constitui em mecanismo de inclusão das pessoas portadoras de deficiência visual e de audiocomunicação e, portanto, deverá ser introduzida como disciplina optativa nos cursos de formação de professores.
- c) deve ser introduzida como tema transversal em todas as escolas que atendam a alunos portadores de necessidades educacionais especiais, particularmente os com deficiências auditiva ou visual profunda.
- d) deverá ser componente escolar obrigatório a partir do segundo ciclo do ensino fundamental.
- e) é a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de pessoas surdas do Brasil.





# Competição pode ajudar escolas a vencer isolamento geográfico

Foto: Júlio César Paes



A Obmep envolverá 18,7 milhões de estudantes da educação básica e 150 mil professores

conhecer outros jovens e o país. "Um possível bom resultado na Obmep será o passaporte para realizar esse sonho", diz.

Situada no interior, a escola catarinense Tercílio Bastos inscreveu todos os estudantes matriculados no sexto ou sétimo ano e do oitavo ou nono ano do Ensino Fundamental e das três séries do Ensino Médio. A preparação dos alunos está sendo feita pelo único professor de Matemática que a escola tem. A decisão de participar da Obmep foi tomada pela diretora do estabelecimento, Miria Jasper, e aprovada pelos professores. "Estamos distantes, estamos no campo, mas temos que vencer o isolamento", explica Miria, que é graduada em Pedagogia.

Diretores de duas pequenas escolas públicas, uma do município de Major Gercino (SC) e outra de Santa Rosa do Purus (AC), decidiram vencer o isolamento e inscreveram seus alunos para participar da sétima edição da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (Obmep). A Escola Estadual de Ensino Médio Padre Paulino Baldassari, de Santa Rosa do Purus, é isolada pela geografia da região Norte. Só para chegar a Rio Branco, a capital do estado, são oito dias de barco. Já a Escola de Ensino Básico Professor Tercílio Bastos, de Major Gercino, fica no campo, a 20 quilômetros da cidade, e seu isolamento se dá pela condição precária da estrada, que é de barro, segundo a diretora da unidade, Miria Jasper.

Participam da sétima edição da Obmep 18,7 milhões de estudantes e cerca de 150 mil professores. A primeira etapa será no próximo dia 17, em 44,6 mil escolas públicas, dos ensinos Fundamental e Médio, de 5.504 municípios. A segunda fase será em 5 de novembro. Nessa etapa, que define os medalhistas de ouro, prata e bronze e as menções honrosas, as provas serão aplicadas em centros de ensino, por fiscais contratados pela coordenação da olimpíada. A premiação está prevista para fevereiro de 2012. A competição é promovida pelos ministérios da Educação e de Ciência e Tecnologia, realizada pelo Instituto Nacional de Matemática Pura Aplicada (Impa) com o apoio da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM). O objetivo é estimular o estudo da Matemática entre alunos e professores da educação básica.

O isolamento é ponto comum, mas as estratégias de participação na Obmep se diferenciam. A diretora da escola acreana Padre Paulino, Giovanna Souza de Matos, inscreveu 22 dos 198 estudantes matriculados no estabelecimento. Segundo Giovanna, esse grupo de alunos gosta muito da disciplina e tem interesse em

Colaboração: Ionice Lorenzoni

## Benefício de Assistência Funeral

Ligue **0800-722-6650**

# Assistência Funeral **24 horas**

No caso de falecimento de uma das pessoas que façam parte do grupo segurado – associado colaborador, cônjuge, filhos menores de 21 (vinte e um) anos, pais dos associados colaboradores e beneficiários agregados –, basta uma ligação para o telefone **0800-722-6650** e nós cuidamos desde a liberação de documentos até a realização do funeral.



### Dicionário de fonética e fonologia

Thais Cristóforo Silva  
Editora Contexto – Tel.: (11) 3832-5838 r 229

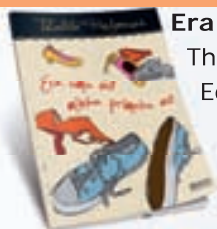
De acordo com a autora esse dicionário priorizou termos técnicos relevantes para o estudo do Português e da Fonética e Fonologia em geral. Outra característica específica dessa obra é a exposição de figuras vinculadas às definições apresentadas.



### Que saudades de você...

Pat Palmer  
Editora Paulinas – Tel.: (21) 2232-5486

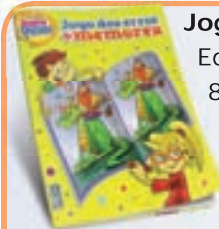
Seu melhor amigo mudou... Seu irmão não vai mais morar com vocês... Seu cachorro ficou doente e morreu... Essas coisas deixam qualquer um triste e com vontade de chorar! Mas também podem dar raiva e deixar a gente se sentir culpado...



### Era uma vez minha primeira vez

Thalita Rebouças  
Editora Rocco – Tel.: (21) 3525-2000

Coração acelerado, pernas bambas, arrepio na nuca e um friozinho na barriga. Medo? Sim. E também excitação, sonhos, dúvidas, inseguranças e todas as “noias” que as meninas sentem diante da tão esperada e, por que não, idealizada, primeira experiência sexual. São essas angústias e alegrias, contadas de forma leve e bem-humorada, que Thalita Rebouças apresenta em *Era uma vez minha primeira vez*, seu novo sucesso pelo selo Rocco Jovens Leitores.



### Jogos dos erros + Memorex

Editora Ediouro – Tel.: (21) 3882-8300

Quer estimular a percepção visual e a capacidade de memorização de seu filho? Então, você tem em mãos uma ótima ferramenta. Este é o primeiro livro da Coleção Picolé, que reúne alguns dos passatempos preferidos pelos leitores da tradicional revista. São 40 jogos que proporcionam muitas horas de lazer para as crianças.



### Na cozinha do Chef Brasil

Dílvila Ludvichack  
Paulus Editora – Tel.: (11) 5087-3700

De modo poético e com rimas fáceis de recitar, a história mostra, a cada dia da semana, uma especialidade gastronômica proveniente de uma das cinco regiões brasileiras: Nordeste, Norte, Sudeste, Centro-Oeste e Sul. Além de conhecer mais sobre as tradições alimentares do país, o leitor encontra ao final do livro as cifras para piano dos poeminhas citados no decorrer do texto.



### Como passar em provas e concursos

William Douglas  
Editora Impetus – Tel.: (21) 2621-7007

Esta obra informa tudo que é preciso saber sobre como passar em provas e concursos. De leitura simples e direta, este livro se respalda num rígido esquema de desenvolvimento lógico, de planejamento, raciocínio interativo e articulação de respostas concretas. Valoriza também, além de estratégias didáticas, fatores pessoais como o humor, a preguiça e o cansaço, elementos que muitas vezes levam o candidato a desistir de realizar a prova.



### O pintor

Gianni Rodari  
Berlendis & Vertecchia Editores – Tel.: (11) 3085-9583

O pintor, pobre que só, teve de fazer seu pincel com os fios do próprio cabelo... Mas não tem nem uma gotinha de tinta para pintar. Para conseguir completar seu quadro, ele terá de pensar numa saída muito criativa, daquelas que somente um mestre como Gianni Rodari saberia encontrar!



### O sapateiro e os anõesinhos

Bia Bedran  
Editora Nova Fronteira - Tel.: (21) 3882-8200

A história de O sapateiro e os anõesinhos foi escrita pelos irmãos Grimm, na Alemanha, no início do século XIX, lá pelos anos 1830... Graças à tradição oral, tem sido contada e recontada por muita gente e por vários anos até que chegou a essa bela versão de Bia Bedran. A obra é uma história de sonho e realidade, compaixão e esperança, amizade e gratidão, aqui recontada no texto encantador da escritora e educadora.





# Experimentação é a base para uma escola em movimento

Projeto *Laboratórios do Livre Saber* reúne trabalhos de vários polos de ciência, arte e cultura

Sandra Martins

**C**riatividade, integração e interdisciplinaridade, além, é claro, muita animação, marcam os trabalhos do Peja – Programa de Educação de Jovens e Adultos, no Polo I, em Vila Turismo (Manguinhos), e no Polo II, na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz). O evento integra os projetos *Laboratórios do Livre Saber*, Peja Polo I, e a *Feira de Ciência, Cultura e Arte*, Peja Polo II, resultantes de uma construção coletiva desenvolvida ao longo de um semestre entre estudantes e professores.

A extensa e diversificada programação indica o grau de comprometimento da comunidade escolar na realização das atividades, que envolveram expo-

sições fotográficas, de vídeos, de trabalhos artísticos e de experimentos; oficinas e leituras dramatizadas; apresentação de pesquisas envolvendo temas preciosos para a luta em prol do meio ambiente, como a história do lixo no Brasil, dejetos radioativos, alimentação saudável e ditos populares; além da exposição de um pluviômetro construído pelos estudantes e a demonstração de como acontece o processo de compostagem do lixo.





De acordo com Felipe Eugênio dos Santos Silva, coordenador pedagógico do Peja-Manguinhos, o programa busca integrar os saberes das disciplinas escolares com estratégias que alcancem resultados concretos no cotidiano. “A experimentação, hoje mais do que antes, torna-se para nós a base para uma escola em movimento”, definiu Felipe Eugênio. Uma das ilustrações desta escola em movimento foi o trabalho desenvolvido pelos alunos do Ensino Médio I, orientados pela professora de Filosofia do Peja I, Fernanda Siqueira Miguens, com a exposição do *Gibi Filosófico*, quadrinhos sobre a Prudência, um dos conceitos de Aristóteles levado para a vida cotidiana e para o senso comum.

## Material produzido

Nos dois polos, foram lançadas revistas produzidas pelos alunos, com apoio dos professores, em que um dos objetivos é dar voz e visibilizar aspectos positivos do território de Manguinhos e de sua população: *Seja Manguinhos nº 3* e a *PlanEJAndo Saúde*. A proposta das publicações é mostrar que há pessoas que trabalham, estudam e são tão cidadãos como qualquer outro morador da cidade. Se nas duas primeiras edições o peso era resgatar e evidenciar o “cidadão de Manguinhos”, estereotipado pela mídia, a terceira edição prima pela renovação e diversidade – “plural, democrática, *lavadeira* de uma realidade perversa e excludente”. Os temas giram em torno de educação, esporte (futebol e capoeira), cultura e música (farró e samba), culinária, moda e textos literários, tendo como personagens principais os atores sociais de Manguinhos. “Esse é o maior exemplo de integração entre os alunos e as disciplinas porque a revista teve a participação de todos. A ideia é que ela passe a ser produzida ao final de cada semestre, sempre com um tema diferente”, diz Karine.

Já a revista *PlanEJAndo Saúde*, além de abordar temas de educação em saúde, áreas de atuação da EPSJV, trouxe também atuação e vivências de alunos em diferentes espaços da cidade, como a ida ao CCBB, demonstrando que ter acesso aos bens culturais da cidade é questão de saúde. Segundo Karine Bastos, professora, que juntamente com Michelle Oliveira coordena o Peja Polo II da EPSJV, a publicação buscou mostrar a metodologia de produção de alguns trabalhos apresentados na Feira.

Além dos materiais oficiais de divulgação, também foi lançado o livreto “Mitificando”, com textos produzidos pelos alunos, nos quais eles criam mitos para explicar a origem de objetos e costumes da sociedade atual. “A Feira também é um espaço de valorização de conhecimentos construídos pelos estudantes em espaços extraescolares. A exemplo disso, vimos a aluna-artesã Joana, que nos encantou com sua decoração de garrafas feitas com materiais reciclados. A feira também é um espaço de encontro de amigos e familiares”, afirmou Michelle Oliveira.





Um capítulo à parte foi a entrevista, ao estilo Roda Viva, conhecido programa de televisão, que teve sua quinta edição feita pelo Peja – Manguinhos, onde já passaram de gestores da Petrobras a militantes históricos do local. No centro da roda, ao invés de uma personalidade, a atual versão contou com quatro entrevistados: dois professores e dois alunos do PET – Programa de Educação do Trabalhador de Belo Horizonte (MG), da Escola Municipal União Comunitária e da Escola Sindical 7 de Outubro. Eles buscaram ilustrar como se dá, na prática, o cruzamento entre movimentos sociais e educação. Esta modalidade de ação pedagógica surgiu em 1991, com a criação do PET e sua proposta de “Alfabetização e Supleância de 1ª a 4ª série para Trabalhadores na Região Industrial de Belo Horizonte”, e, posteriormente, em 1997, as quintas até oitavas séries do Ensino Fundamental, atendendo a jovens acima de 18 anos e adultos trabalhadores, analfabetos e alfabetizados.

Para as coordenadoras do Peja, o diferencial desse trabalho está na valorização e integração da

comunidade escolar. “Queremos que eles se sintam valorizados apresentando o que produziram para seus familiares, amigos e profissionais da Escola”, finaliza Karine Bastos, que coordena o Peja da EPSJV, juntamente com Michelle Oliveira.

Polo II – Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio / Fiocruz

Av. Leopoldo Bulhões, 1.480 – Manguinhos – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21041-210

Tel.: (21) 3865-9713

Coordenadoras: Karine Bastos / Michelle Oliveira

Peja – Manguinhos (Polo I)

Rua Dr. Luiz Gregório de Sá, 46 – Vila Turismo – Manguinhos – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21050-200

Tel.: (21) 2281-6430

Coordenadores: Felipe Eugênio dos Santos Silva / Rodrigo Luiz Nascimento Lobo



## Appai na Bienal do Livro

Estande P33 - Pavilhão Verde



O escritor dá dicas de memorização para passar em concursos públicos.

**WILLIAM DOUGLAS**

DIA 8  
17h30 às 19h

A educadora apresenta aula espetáculo.



**BIA BEDRAN**

DIA 8  
15 às 17h



A escritora palestra para os professores e associados.



**THALITA REBOUÇAS**

DIA 9  
15 às 17h

Na 15ª edição da Bienal do Livro Rio, de 1º a 11 de setembro a Appai estará apresentando os autores Thalita Rebouças, Bia Bedran e William Douglas para palestrar para os professores associados no **AUDITÓRIO AZUL**.

Mais informações sobre a inscrição e horários das palestras acesse o site da Appai: [www.appai.org.br](http://www.appai.org.br)



# A Partícula "se"

Sandro Gomes\*

Não passa de uma pequena palavra aparentemente insignificante, mas, se formos analisar minuciosamente, vamos perceber quão importante ela é para o funcionamento de certas construções em Língua Portuguesa. Assim, vamos mergulhar nesse pequeno (mas diverso) universo do *se*.

**1 – Conjunção Integrante** – é aquela que introduz orações subordinadas que desempenham funções substantivas. Veja: *Gostaria de saber **se** tudo já está pronto.*

*Se tudo já está pronto* é uma oração (pois apresenta verbo) que completa o sentido do verbo transitivo *saber* (quem sabe, sabe alguma coisa), portanto tem valor de um substantivo que, no caso, desempenha a função de objeto direto.

**2 – Conjunção Subordinada Condicional** – introduz uma oração subordinada que expressa a ideia de condição. Observe: *Me avise **se** não puder ir.*

A oração *se não puder ir* é subordinada a *Me avise*, e expressa a noção de condição: caso não possa ir..., na hipótese de não poder ir etc.

**3 – Pronome Reflexivo** – pode ser objeto direto ou indireto e sujeito de infinitivo, sempre expressando igualdade entre sujeito e objeto. Na oração *O atleta contundiu-**se***, o sujeito (atleta) comete a ação de contundir. Mas quem contunde, contunde alguém. E quem é que teve a contusão? Resposta: o atleta. Então, nesse caso as ideias de sujeito e objeto foram igualadas. O *se* é que permite essa construção.

**4 – Partícula Apassivadora** – é aquela que se liga a verbos transitivos diretos e faz a função de tornar a voz passiva. Veja a seguinte oração: *Narraram-**se** textos complicados.* Está na voz passiva, com *textos complicados* funcionando como objeto direto que completa o verbo *narrar*. Mas também podíamos escrevê-la na voz ativa: *Textos complicados foram narrados.* Agora o objeto direto se transformou em sujeito. É o *se* que possibilita essa opção de uso.

**5 – Índice de Indeterminação do Sujeito** – na oração *Contesta-**se** essa afirmação*, se não houvesse

o *se* (*Contesta essa afirmação*) sentiríamos necessidade de saber quem é o sujeito (quem contesta?). A presença do *se* no verbo é o que indica que o sujeito não está determinado.

**6 – Termo Expletivo** – tem apenas uma função de realce, podendo na maioria dos casos nem existir. Observe: *Acabou por sentar-**se** na cadeira.* Poderíamos dizer: *Acabou por sentar na cadeira* e não haveria qualquer prejuízo para a compreensão.

**7 – Partícula Integrante de Verbo** – aqui o *se* integra verbos que já trazem em sua conjugação a presença do pronome oblíquo. O *se* aparece nas terceiras pessoas (singular e plural), nas mesmas pessoas no infinitivo flexionado e na forma infinitiva. Observe os exemplos:

*Ela arrependia-**se** (elas arrependiam-**se**) com frequência. / O fato de ele **se** arrepender (eles **se** arrependerem) é bom sinal. / Arrepende-**se** é uma virtude.*



Ilustração: Luiz Claudio de Oliveira

\*Sandro Gomes é Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, além de Revisor da Revista Appai Educar. Amigo leitor, dúvidas, sugestões e comentários podem ser enviados para a redação da Revista Appai Educar, através do e-mail: [redacao@appai.org.br](mailto:redacao@appai.org.br).





# A cada conto, um novo encontro

Trabalho com Monteiro Lobato valoriza realidade dos alunos que vivem no campo

Claudia Sanches

**H**á cerca de dez anos o Colégio Municipal Prof. Pedro Paulo de Bragança Pimentel, localizado na periferia de Araruama, desenvolve trabalhos de Literatura com crianças da Educação Infantil ao 5º ano. Na última edição os educadores receberam uma missão diferente: realizar o Projeto *Monteiro Lobato*, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação da cidade. Segundo a diretora Marinês Costa, que ajudou a eleger o tema, a obra do escritor desperta na meninada o interesse pela leitura e também a identidade da clientela do colégio: “A escola se localiza numa área rural, e o escritor retrata a realidade do campo”, justifica.

A coordenadora da Sala de Leitura, Luciana Marques, que já participava de uma formação continuada em Literatura, e sempre acreditou nos livros como ferramenta de superação e na formação dos jovens, abraçou o projeto. Para encarar o desafio, Luciana se preparou em encontros e oficinas de especialização, além de levar a proposta para educadores e crianças. Desenvolver o Projeto *Monteiro Lobato* foi uma experiência diferente para ela: “Estamos despertando o prazer pela leitura e os valores da nossa comunidade, já que o ‘Sítio do Pica-Pau Amarelo’ traduz a vida na zona rural, ou seja, o homem do campo, valorizando os diversos saberes do nosso educando e lembrando a infância dos pais, que tiveram mais contato com as histórias do autor”.

A Diretora da escola e a Orientadora Pedagógica Maria Cecília Rezende Alves fizeram deste momento uma oportunidade para que o projeto fosse executado em sua plenitude. Conversando com o corpo docente elas perceberam que deveriam conscientizar os jovens sobre a importância do trabalho para envolvê-los. “Começamos a nos organizar e preparar o pessoal para sentar, ler e estudar sobre o escritor. Segundo Marinês a equipe pedagógica leu a biografia do autor do “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, seus livros e pesquisou seus interesses. Na sequência a diretora elaborou estratégias para assimilar o conteúdo estudado”, lembra a orientadora.

A ideia, de acordo com Luciana, era acrescentar ao cotidiano escolar a prática da leitura como prioridade no processo da aprendizagem e desenvolver consciência crítica, mas o projeto também promoveu a integração social, proporcionando situações de convivência e enriquecimento de experiências pessoais, porque partia da realidade.

As turmas foram levadas individualmente à biblioteca do colégio e acompanhadas por Luciana para serem apresentadas ao projeto através de uma conversa informal. As obras de Lobato eram disponibilizadas de maneira visível para que os alunos pudessem se aprofundar mais na sua literatura. A equipe abordou algumas obras, o autor, os personagens e em outros momentos criou alguns desenhos e textos coletivos. Posteriormente convidou-os para outro encontro na sala de leitura, que dessa vez seria diferente.



Na data combinada os alunos com os respectivos professores foram participar das atividades que os esperavam. Na chegada, uma surpresa: encontraram a Emília e o Visconde para recebê-los. A diretora Marinês estava caracterizada como a boneca de pano mais famosa do Brasil e Luciana, de Visconde de Sabugosa. Este último personagem fez uma explanação sobre o dia da literatura infantil e apresentou no *data show* a biografia de Monteiro Lobato, seus personagens, suas obras e o desenho do Sítio do Pica-Pau Amarelo, tudo isso numa grande exposição.

“O bacana é que os alunos trouxeram informações de casa, pois o programa era exibido na época dos pais, que puderam vivenciar esses momentos com os filhos. Foi uma parceria muito positiva”, relata Luciana.

Não faltaram ganchos para trabalhar conteúdos programáticos. Em Matemática os alunos utilizaram receitas de bolos da Tia Anastácia; em Língua Portuguesa, treinos ortográficos, textos e interpretação; em História e Geografia viram o espaço geográfico, localização, mapas construídos pelos alunos e diferentes tipos de moradias; em Ciências a importância da alimentação saudável que lugares como o Sítio do Pica-Pau Amarelo nos proporcionam, tais como horta, árvores frutíferas, fabricação dos queijos e pães que são consumidos, leite fresco e outros produtos da fazenda.

A professora Luciana lembra o comprometimento do trabalho em respeitar as diferenças: “Procuramos valorizar, em todas as atividades, a expressão de cada criança, sem jamais deixar de lado a língua oficial. Exploramos tudo o que podíamos, desde conceitos das disciplinas



até temas como preconceito, com as personagens de Tia Anastácia e Tio Barnabé”. Segundo a orientadora pedagógica, a ideia é que a Sala de Leitura seja um ambiente onde os alunos possam ir frequentemente, pois batizamos este lugar de “Leitura em Movimento”, onde o ato de ler não pode ser apático e sem ação, devendo ser divertido, confortável e dinâmico. Apesar de todas as fases e atividades serem muito prazerosas, para Marinês, a

participação no trabalho como a personagem Emília ficou guardada em sua memória afetiva: “Na verdade o que mais chamou atenção da criançada foi a minha caracterização como Emília e da professora como Visconde. Praticamente toda a comunidade ficou sabendo desse episódio. Saímos um pouco do gabinete e passamos para a pedagogia, que é o prazer da escola”, concluiu a educadora.

Colégio Municipal Prof. Pedro Paulo de Bragança Pimentel  
Rua Prefeito Antônio Raposo, 10 – São Vicente de Paulo – Araruama/RJ  
CEP: 28980-000  
Tel.: (22) 2666-1371  
Fotos cedidas pela escola

Ilustração: Luiz Cláudio de Oliveira







# Desvendando os mistérios do nosso

# “Ouro Negro”

Feira sobre petróleo e gás agita colégio durante dois dias

Marcela Figueiredo

**D**urante dois dias uma feira sobre petróleo e gás deixou o Colégio Estadual André Maurois ainda mais movimentado. Os alunos apresentaram projetos, assistiram a filmes e participaram de palestras onde o chamado “ouro negro” e seus derivados era o assunto principal. Disciplinas complexas como Química, Física, Biologia e Matemática passaram a ser encaradas com naturalidade e, no dia das apresentações, os alunos já faziam planos para o futuro.

Uma parceria entre o Colégio e a Pontifícia Universidade Católica do Rio foi ponto de largada para que os estudantes do Ensino Médio da escola situada na Gávea tivessem acesso ao mundo do petróleo e do gás. O tema, muito badalado, mas ainda fora da realidade de muitos adolescentes, foi incorporado à rotina da escola no início do ano, quando a PUC ofereceu um curso introdutório para cerca de 100 estudantes.

A ideia era ensinar noções básicas sobre as técnicas que envolvem a extração, o manejo e a utilização dos combustíveis. Ao final do curso, os alunos que participaram do projeto apresentaram para o restante da escola uma feira sobre tudo o que aprenderam. Mesmo tendo disciplinas tão complexas envolvidas, muitas pessoas se perguntariam o que informações

sobre petróleo e gás acrescentam à rotina da escola e dos estudantes. A resposta vem da própria professora de Química, Eliana Wimmer: “Depois do curso e quando começaram a preparar as apresentações eles demonstraram sinais de mais maturidade e passaram a ter mais interesse em aprender disciplinas da área de exatas”, conta a professora. Os benefícios vão para a escola, para a PUC e, principalmente, para os alunos, que redescobrem o prazer de aprender.

O pátio do colégio, durante dois dias, ficou repleto de estudantes. O interesse foi tanto que, mesmo os que não fizeram o curso oferecido pela universidade, se empenharam em estudar para poder participar. Francisco Gustavo, aluno do 3º ano, diz que já gostava do assunto, mas, como é atleta, não tinha tempo disponível para fazer o curso. Mesmo assim quis apresentar seu trabalho na feira. “Quando descobri que poderia colaborar, resolvi estudar sobre radioatividade e dividir com meus colegas um pouco do que aprendi”, conta todo orgulhoso.

A escola também pode ser o espaço para descobertas de carreiras que não faziam parte das expectativas. Mesmo morando em um dos estados com maior capacidade petrolífera no país, Mayra Tavares nunca tinha pensado em ser engenheira. Durante a exposição sobre Sistemas de Produção ela já vislum-



Estudantes trocam conhecimento e utilizam maquetes para demonstrar como funciona uma plataforma de petróleo



brava novos horizontes e fazia planos com as colegas: "Nós gostamos tanto que já combinamos de fazer passeios a lugares que produzem petróleo e de ter contato com outras coisas referentes a esse assunto. Quando a gente não estuda sobre o tema, não sabe o quanto é legal, mas se estudamos, aprendemos, descobrimos que é bom e queremos conhecer ainda mais. Deu muita vontade de seguir carreira nessa área", entusiasma-se a estudante do 2º ano.

Para os alunos Max Silva e Jacimara Gomes, aprender mais sobre o tema serviu para confirmar suas escolhas. Max já queria fazer engenharia, só não sabia qual especialidade. "Agora já sei. Quero fazer engenharia de petróleo", afirma o menino com segurança. Enquanto isso, Jacimara conta que sempre pensou em estudar essa ciência, mas como não sabia muita coisa resolveu fazer o curso para tentar confirmar suas ideias. "Eu pensei: não posso perder esse curso, vai ser a minha oportunidade. Hoje não me arrependo, foi muito bom e agora tenho mais certeza sobre o que quero seguir".

Os jovens tiveram aulas teóricas e práticas antes de apresentar seus trabalhos, e o mais legal é que nenhum aluno foi obrigado a participar. Tanto os expositores da feira quanto os alunos que foram assistir estavam lá porque foi despertado neles o desejo de conhecer e transmitir o que aprenderam. Isso demonstra a capacidade da escola em transformar o ensino em uma prática prazerosa e não apenas um meio para garantir a nota no final do semestre. "Os alunos nunca deixaram de apresentar os projetos que eu propunha, nunca reclamaram. Nós os colocávamos para fazer experimentos complicados para estudantes do Ensino Médio que nunca tiveram contato com o assunto, mas eles não nos decepcionaram", declara Mariana Reicher, professora de Geografia e especialista em Geologia do petróleo.

Rosane Felice, outra professora dos alunos, conta que foi gratificante trabalhar com eles. "Estavam cheios de dúvidas, muito interessados e nós nos



preocupamos em, além de transmitir conhecimentos teóricos, passar também experiência de vida. Eles puderam conhecer um mundo diferente. Perceberam que a universidade também é interessante e isso é muito gratificante para quem ensina", conta a Mestre em Engenharia Mecânica.

Por três meses Mariana e Rosane dividiram a atenção dos alunos. Durante a feira, momento em que os estudantes puderam apresentar o que aprenderam, as professoras estavam todas orgulhosas com o resultado. "Eu fiz licenciatura porque acredito na Educação. Ser bem recebida pelos alunos e saber que eles se interessam pelo conteúdo que eu ensino é muito bom. Isso incentiva e mostra que estou no caminho certo. Para mim é um privilégio fazer parte desse processo!", conclui a professora emocionada.

Colégio Estadual André Maurois  
Av. Visconde de Albuquerque, 1.325 – Gávea – Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 22450-002  
Tels.: (21) 2334-6772 / 2334-6773  
Diretora: Ana Beatriz Malburg Freire  
Fotos: Marcelo Ávila





# África e Brasil: num só coração

Sandra Martins

Projeto aproxima as culturas e difunde a inclusão da lei da africanidade no currículo escolar

A exposição de diferentes maneiras reflexivas sobre a influência africana na formação e desenvolvimento do povo brasileiro foi o tema da *10ª Mostra de Trabalhos* realizada pelo Colégio Ferreira Alves, em Bangu, na Zona Oeste. Mais do que tratar das semelhanças visíveis e enaltecer perspectivas folclóricas das culturas africanas, o trabalho buscou o entendimento sobre as relações cotidianas que envolvem racismo, preconceito e desconhecimento dos permanentes entrelaçamentos dos perfis envolvendo o Brasil e os países africanos. Este debate foi levado para o cotidiano escolar por meio do projeto *Dois perfis: um só coração – África/Brasil*, com exposição cultural bem diversificada: danças, música, culinária, vocabulário, roda de capoeira e maculelê, exibição de vídeos, cartazes, teatro de vara, artesanato e oficinas de arte.

Na perspectiva de Rosalvo Cardoso Estrella, coordenador pedagógico, o título do projeto dá o tom da importância desta relação consanguínea. Em cada estande e em todas as atividades desenvolvidas os visitantes sentiam o engajamento, envolvimento e identificação dos estudantes com a temática. “Os alunos do segundo ano estão olhando e vibrando com as danças do pessoal do 9º ano”, enfatizava o coordenador pedagógico ressaltando a interação entre todas as séries. Por conta do sucesso do projeto, que vai ao encontro da Lei nº 10.639/2003, que trata da inclusão da africanidade no currículo escolar, Rosalvo garante que “todos os anos, sempre se trabalhará alguma coisa neste sentido, mesmo que não seja a temática daquele momento, mas a africanidade estará presente. Vamos incluir a África dentro de nosso contexto, mudando o enfoque, mas incluindo o continente”.

O projeto *Dois perfis: um só coração – África/Brasil* foi construído com muita parceria entre educadores e educandos (e seus familiares). Como ocorreu com Paula de Freitas, mãe de um aluno, que ajudava o professor Alcebiades Lobo, de Informática. Eles fizeram um bingo “Quizz Vídeo”, com direito a prêmios simbólicos, para quem respondesse cinco perguntas após a exibição de vídeos. Por exemplo, no Quizz Vídeo 1 – África, Desigualdade: Qual a doença que mais atinge a África? Aids, HIV, Tuberculose ou Sarampo. No Quizz 4 – Fome no Brasil. Qual dos males abaixo mais assola os brasileiros todos os anos? Pobreza, Aids, Desnutrição ou Desemprego.

Ao visitarem o Museu Nacional, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer os personagens que em sala debatiam: escravizados e escravizadores, a diversidade das culturas africanas. Com a exibição do desenho animado *Madagascar* e o conto *Uma visita à África* os alunos foram convidados a participar de um safári. Uma linha do tempo foi montada para esse passeio: da África Antiga – quando os caçadores matavam os animais para servirem de troféus – à atual – onde se busca a imagem dos animais vivos em seu *habitat* natural.

## Estabelecendo relações entre as disciplinas

A interdisciplinaridade garantiu que todas as matérias vivenciassem o projeto. Na Informática, Leonardo Mazzei uniu o lúdico à tecnologia e propôs aos alunos do 8º ano que fizessem um jogo de perguntas e respostas, com banco de dados baseado em pesquisas geográficas bíblicas e iconográficas (Geografia Bíblica é a parte da Geografia Geral que estuda as terras e os povos bíblicos e conduz à História Bíblica). Com a Matemática foram construídos problemas contextualizados. “Na África havia 230 girafas, 50 leões e 43 elefantes. Quantos animais havia? Então eles vão desenvolvendo e criando a história do problema; fazem a sentença matemática, o cálculo e colocam a resposta.



Eles gostaram muito”, disse Nelma Molon.

Com os verbetes de origem africana inseridos no nosso vocabulário cotidiano, os alunos criaram desde um dicionário com 130 palavras até um painel com manchetes a partir de títulos de matérias jornalísticas: “Eleição deu macumba no final” ou “Bandidos assaltam até fubá na linha vermelha”. Para evitar má interpretação na leitura da frase “Só falta fazer oro do casamento”, Guilherme França, 14 anos,

explicou que “oro” é cerimônia.

Com a contação de histórias falou-se sobre preconceito, *Apartheid*, discriminação, desrespeito aos direitos da criança, sendo todos os assuntos tratados sempre conforme as faixas etárias. Com a *Menina bonita do laço de fitas*, de Ana Maria Machado, discutiu-se o racismo no Brasil. “As crianças recontaram a história, fizeram bonecas trapeiras – feitas de jornal revestidas de tecido preto, muito comum em alguns países africanos”, disse Nelma Molon. O autorretrato montado com a ajuda de espelhos foi a forma como Quilda Catarina Alcici abordou a identidade, a autoestima tão valorizada pelo coelhinho.

Lúcia Barreto levou um palestrante que morou por alguns anos no continente africano para conversar com seus alunos do 2º e 3º anos do Ensino Fundamental. Ele mostrou a casa dos ricos e a dos pobres, feita com pau-preto – madeira típica muito usada em esculturas africanas –, além da vida de luta de Nelson Mandela contra o regime segregacionista sul-africano. Os alunos construíram o “livrão – preto e branco que deu certo: café com leite, feijão com arroz”. “Foi um trabalho muito bom, fiquei muito satisfeita”, disse Lúcia, ao ilustrar a alegria pelo dever cumprido comparando-a à lembrança de um pai de aluno que, na noite anterior à mostra, perguntava se poderia levar um texto bíblico para pôr na exposição.



Colégio Ferreira Alves  
Rua Jackson Moreira, 105 – Bangu  
– Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 21840-470  
Tel.: (21) 3331-2360  
Diretor Substituto: Paulo Ferreira dos Santos  
Fotos: Tony Carvalho





# Lixo multi face tado

Material descartável transforma-se em produção de conhecimento e aprendizagem

Claudia Sanches

**Q**uem diria! Garrafas *pet* enfileiradas em uma grade da janela enfeitam a fachada de uma casa. E ainda economizam água. Basta uma dose de criatividade e pronto. As cascas de abóbora viram um gostoso bolo. Essas e muitas outras transformações, de coisas que jogamos fora, foram possíveis graças ao projeto *Metamorfose*, realizado com alunos do 6º ao 9º anos do Colégio Estadual Milton Campos, em Nova Iguaçu.

Mas, afinal de contas, o que é lixo? Essa é apenas uma das reflexões levantadas pelo trabalho. Falar sobre nossa lixeira não é tarefa das mais fáceis, apesar de a reciclagem já ser uma realidade em grandes empresas brasileiras. Segundo a professora de Língua Portuguesa Helen Câmara Garcia, embora a palavra seja definida no dicionário Aurélio como “coisa imprestável”, estudantes e corpo docente chegaram à conclusão de que lixo, nos dias atuais, é *business*.

“Hoje no Brasil e no mundo milhares de pessoas vivem do lixo. Grandes empresas e municípios da Baixada Fluminense o disputam, porque agora tem valor, dá lucro”, afirma a professora Helen, que des-

cobriu o fato junto com os alunos durante os estudos e pesquisas através do trabalho.

O projeto surgiu para falar sobre a questão como tema central, abordado de várias formas. Mas ultrapassou as paredes da sala de aula, mobilizou a comunidade escolar, pais e entorno do colégio, e envolveu todas as disciplinas. No planejamento, os educadores distribuíram dois professores por turma e cada um usou o mote para ensinar o conteúdo.





Durante a *I Mostra Integrada*, as equipes expuseram o que produziram no segundo bimestre. Lixo vira diversão, arte, comida e forma de sobrevivência. O 6º ano, que tem várias turmas, decidiu falar sobre o assunto de maneiras diversas. Com o *slogan* “O lixo que vem da arte”, a aluna Viviane e seu grupo tiveram a ideia de confeccionar um vaso de flores só com *pet*, reaproveitando o máximo que o material proporcionava. Eduardo construiu um *puff* em que recebia amigos e responsáveis.

E isso é apenas um exemplo do que se pode criar. Outro grupo do 6º ano investiu na reutilização e aproveitamento dos alimentos. Bolo de laranja com casca de cenoura, cocada com a parte branca da melancia, bolo com casca de abóbora e doce de casca de banana. Nada era jogado fora. Após muita pesquisa – e testes de todas as receitas em casa – os estudantes colocaram na exposição as iguarias que deram certo. “A gente aproveitou cascas e caroços que as pessoas jogam fora, as partes mais nutritivas dos alimentos. Algumas mães não acreditavam que as iguarias iriam ficar boas”, contava Raphael. “Ao contrário das expectativas, houve muita procura pelas receitas, impressas e distribuídas pelos próprios estudantes”, confirma a professora de Biologia Claudine Helena.

Com o anúncio *Brincando com o lixo*, os alunos confeccionaram barracas com jogos envolvendo

conceitos relacionados aos resíduos. Para testar o conhecimento do público sobre coleta seletiva, o desafio era a separação de vários tipos de detritos por cores em caixas. *Para o planeta, qual é o seu alvo* era um jogo de tiro ao alvo. A proposta era levar uma reflexão sobre o que as pessoas desejam para o futuro do meio ambiente. Um jogo de trilha batizado de *O caminho da Reciclagem* levava a hábitos e informações preciosas que podem melhorar a qualidade de vida no mundo. E muito mais: boliche de garrafas *pet* e dama com potinhos de iogurte. “E estamos com o projeto de doar os brinquedos para a comunidade mais carente do entorno”, diz a jovem Dandara, do 6º ano.

Através do *slogan* “Nosso lixo tem mais flores”, Tainara e sua equipe mostravam como a embalagem *pet* pode ganhar outra função, desta vez, bem ecológica. Com uma tecnologia alternativa, eles criaram uma horta vertical, que cabe dentro de qualquer apartamento. As garrafas são amarradas nas grades da janela, umas embaixo das outras. Assim, ao molhar as plantas de cima, as de baixo já estão regadas. “Não precisamos de muito espaço nem esforço; fique com uma parede bonita e salve o planeta”, dizia a menina.

O sétimo ano contabilizou os números de resíduos através de estatísticas. Os visitantes podiam conferir a quantidade de lixo produzida no Rio de Janeiro e o tempo de decomposição de cada material. Outra equipe do mesmo ano também explorou o tema *O seu lixo mostra quem você é*. A partir de um texto de Luís Fernando Veríssimo, eles dramatizaram um diálogo que mostrava duas pessoas que se conhecem através do lixo. “Com o lixo o particular se torna público. Um vizinho vasculha a lixeira do outro e descobre hábitos e segredos”, explica a professora Daniele Ferreira.

Outra turma do 7º ano confeccionou sabão. O pequeno Celso explicava como fizeram a campanha do recolhimento do óleo, muito prejudicial ao meio ambiente por produzir o gás metano, um dos principais causadores do efeito estufa. Cada aluno trouxe um componente e teve uma função na fabricação. O produto também era distribuído durante a feira para uso doméstico. A ideia foi a de capacitar moradores



da comunidade com a finalidade de gerar uma fonte de renda.

A professora de Biologia do 8º ano, Daniele Fraga, apostou no conteúdo trabalhado em sala de aula. “Estamos estudando sobre seres vivos e aproveitamos para falar alguns que dependem do lixo para viver, como insetos, fungos e bactérias, além de alguns vertebrados como os ratos, garças e urubus”. A equipe lembrava a necessidade de se pensar na matéria orgânica, estocada através de um processo químico chamado de compostagem, no qual os restos são intercalados com folhas e se transformam em adubo, que é a ideia dos lixões.

Carolina Lopes, que leciona ciências para o 8º ano, também aproveitou a matéria para a mostra. “Na minha disciplina existe um leque de informações a serem desenvolvidas para beneficiar a promoção de saúde”, lembra a docente. Como estão estudando o corpo humano, a turma explorou a transmissão de doenças através do meio, e a importância da higiene do corpo e da qualidade do solo e da água, para evitar epidemias como a dengue e doenças infecto-contagiosas. O 9º ano explorou os lixos tóxicos, como o hospitalar e o nuclear. Através de maquetes de usinas atômicas e informações obtidas a partir de pesquisas

de campo em hospitais, eles mostravam aos visitantes os caminhos do lixo especial, desde os procedimentos até a separação. Quem passeava pelo estande do grupo podia ler *Os dez mandamentos da natureza*, texto apresentado pela aluna Yanca.



Com muita criatividade, os potes de bebida láctea transformaram-se em material de apoio didático

De acordo com Claudine, o saldo do trabalho foi muito positivo. A adesão das turmas foi bastante grande, e os educadores passaram a dispor de mais uma ferramenta para otimizar a produção e a inclusão dos estudantes, além de promover uma mudança de consciência. “Essa é nossa primeira feira interdisciplinar e todos participaram. No começo eles se perguntavam o que fazer com tanto lixo e nunca poderiam imaginar que pudessem transformar os dejetos em arte, muito menos em divertimento, doação e, principalmente, em uma ferramenta de inclusão”, arremata a educadora.

Colégio Estadual Milton Campos  
Rua Tupinambá, 271 – Moquetá –  
Nova Iguaçu/RJ  
CEP: 26285-250  
Tel.: (21) 2767-2871  
Fotos: Tony Carvalho



Os jogos confeccionados com material reciclável serviram não apenas para ajudar a desenvolver o raciocínio lógico, mas, sobretudo, para mostrar que tudo que lançamos na natureza pode ser reaproveitado



# Simple assim

Andrea Gouvêa Vieira



Um dos primeiros atos do prefeito Eduardo Paes foi extinguir por decreto dois dos três ciclos de progressão continuada, previstos para o Ensino Fundamental no Rio. A Secretaria de Educação ficou encarregada de rever o modelo adotado em 2007 e reimplantar o sistema de séries nas 1.062 escolas da maior rede pública do país. O sistema de progressão continuada, a chamada "aprovação automática", recebeu muitas críticas e gerou discussões. Quem é contra alega que contribuiu para o elevado número de analfabetos funcionais. No início de 2009 eram 28.879 até o sexto ano. Os que defendem os ciclos, criados para combater a repetência e a evasão escolar, argumentam que trouxe avanços em termos de inclusão, garantindo ao aluno a convivência com estudantes da mesma idade, não ficando para trás, o que leva à desistência dos estudos.

No Rio, a volta ao modelo de séries resultou na redução da taxa de evasão no Ensino Fundamental, de 2,61%, em 2008, quando a aprovação automática vigorava, para 2,35%, em 2010, dois anos após o fim dos ciclos. Para evitar que os índices de reprovação fossem muito altos, a Secretaria de Educação implementou o reforço escolar, as aulas especiais para analfabetos funcionais e as classes separadas para alunos com deficiência no aprendizado. No pacote veio também uma batelada de testes produzidos por instituições privadas, que, somados às provas regulares, submetem os estudantes a avaliações excessivas, prejudicando o desenvolvimento curricular, na opinião de muitos educadores. Eles dizem que as avaliações devem levar em conta o dia a dia do aluno e isto ninguém conhece melhor do que o professor. Logo, ele é que deveria ter voz ativa na formulação destes testes.

Se a aprovação automática permite que alunos sem conhecimento básico concluam o Ensino

Fundamental, um sistema de avaliação constante e identificação de problemas de aprendizado pode também não ser a solução. Quando chegam a um nível que sobrecarrega alunos e professores, os testes podem acabar não garantindo, mas até prejudicando a qualidade do ensino. O assunto é polêmico, mas os defensores dos dois modelos concordam em um ponto: independentemente dos ciclos ou séries, a avaliação deve ser criteriosa. Há também consenso de que nenhum sistema funcionará, se a estrutura da escola não for modificada, com turmas menores, professores valorizados, acompanhamento individual dos alunos e aulas de reforço. O currículo escolar também precisa ser revisto e adaptado à realidade. Sem isto, não há milagre ou modelo que dê jeito.

## Andrea Gouvêa Vieira

Vereadora da Cidade do Rio de Janeiro  
E-mail: falecomigo@andreagouveavieira.com.br

19º Grande Bailê Beneficente dos Associados da Appai

Local: Ribalta Eventos

Data: 26/11/2011

Horário: das 19 às 24h

Endereço: Av. das Américas, 9.650 – Barra da Tijuca

Traje: Esporte fino

25  
anos

Ritmos Tradicionais / Ritmos Quentes



Bicentenário da Dança de Salão no Brasil





# Agenda 21 – em pauta: transformar atitudes

Experimentos científicos buscam soluções que atendam as necessidades da sociedade

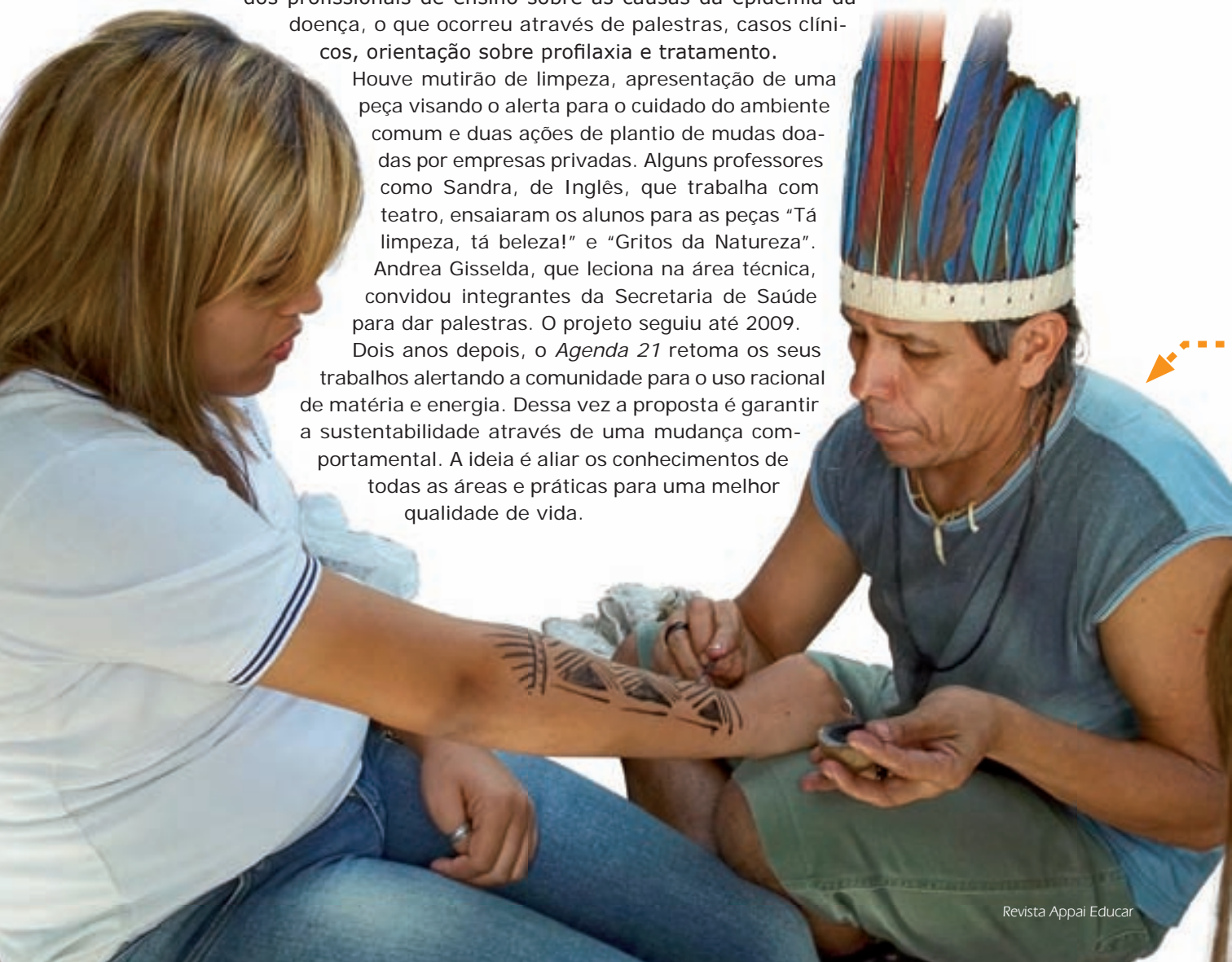
Claudia Sanches

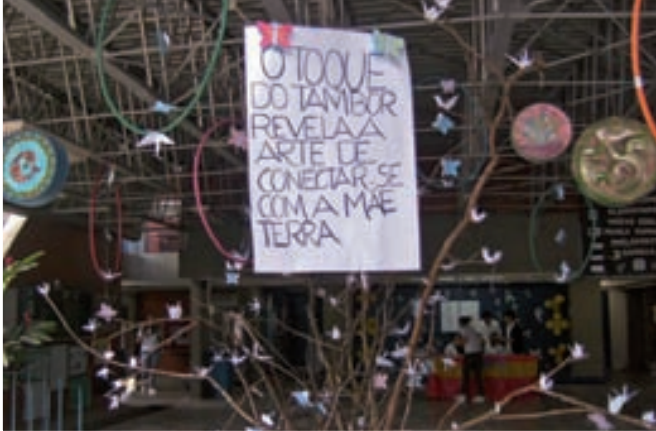
Quando a escola em que Renata Claudia Bandeira leciona recebeu a proposta de realizar um projeto de conscientização ambiental, a professora de Química foi uma das que mais se entusiasmaram. O programa era o *Agenda 21 – elos de cidadania*, criado em 2008, através da parceria entre a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a Faetec e as Secretarias Estaduais de Ambiente e Educação. A ideia surgiu com o objetivo de estimular o diálogo e a participação da comunidade para debater a temática ambiental.

Com apoio da direção, foram realizadas algumas ações junto com os alunos. Para cumprir essas metas desenvolveu-se uma agenda de compromissos da escola voltados para a sustentabilidade. Essa foi a primeira turma de docentes que organizou a *Agenda 21* no colégio. Assim o “Dia D contra a Dengue” serviu para chamar atenção dos profissionais de ensino sobre as causas da epidemia da doença, o que ocorreu através de palestras, casos clínicos, orientação sobre profilaxia e tratamento.

Houve mutirão de limpeza, apresentação de uma peça visando o alerta para o cuidado do ambiente comum e duas ações de plantio de mudas doadas por empresas privadas. Alguns professores como Sandra, de Inglês, que trabalha com teatro, ensaiaram os alunos para as peças “Tá limpeza, tá beleza!” e “Gritos da Natureza”. Andrea Gisselda, que leciona na área técnica, convidou integrantes da Secretaria de Saúde para dar palestras. O projeto seguiu até 2009.

Dois anos depois, o *Agenda 21* retoma os seus trabalhos alertando a comunidade para o uso racional de matéria e energia. Dessa vez a proposta é garantir a sustentabilidade através de uma mudança comportamental. A ideia é aliar os conhecimentos de todas as áreas e práticas para uma melhor qualidade de vida.





Durante a exposição "Retratos do Mundo" a comunidade escolar pôde vivenciar, através dos trabalhos expostos, a dualidade entre os ambientes bons e ruins

A partir do conteúdo de Química Orgânica, onde eram trabalhados tópicos de hidrocarbonetos, foram discutidos o impacto desses materiais e a produção de energia e substâncias poluentes. Nesse trabalho, em que os participantes assistiram vídeos sobre exploração e transformação de petróleo, foi exposta a questão não só desse recurso, mas também do carvão, do xisto, da hulha, entre outras matérias usadas ao longo dos séculos, até chegar ao XXI, com a necessidade de repensar os modelos de produção da sociedade moderna. Os alunos do 2º ano produziram, com o apoio de vários professores, a exposição "Combustíveis fósseis e o paradigma da sociedade moderna".

Para falar da questão do reaproveitamento da matéria e sua transformação a equipe assistiu ao documentário "Lixo extraordinário". Segundo a professora de Química, essa atividade teve muito retorno: "Os alunos se sentiram motivados a participar e se viram como cidadãos que podem contribuir para reduzir a dependência desses combustíveis".

O "Dia D" mais uma vez conclui o trabalho com apresentação das exposições "Energias alternativas", a "A biossegurança nas atividades laboratoriais" e "Lixo biológico". A comunidade assistiu ao vídeo "Lixo extraordinário" e participou de um debate com a tribo indígena Guajajara sobre os impactos da construção da usina de Belo Monte, no Pará. No espaço Cidadão Consciente, houve troca-troca de livros de literatura, doação de alimentos e reciclagem de óleo vegetal.

Na Semana do Meio Ambiente houve palestras com temas da ordem do dia, como "Consumo sustentável" e debates a partir dos filmes "Mudanças climáticas" e "Os Simpsons: o filme", além de oficinas de sucata. Fora da escola os professores de Geografia Elsa Carvalho, Joel Moraes e Lúcia Hercília organizaram um trabalho de campo em Itatiaia, com o objetivo de mostrar as transformações causadas na natureza com a queima de combustíveis fósseis. Na sequência a Gincana Ambiental possibilitou um maior envolvimento dos funcionários em torno de tarefas baseadas no conceito dos três Rs.

Outra atividade que movimentou as classes foi a produção de sabão. Em uma turma do primeiro ano,

uma aluna disse que sua avó confeccionava em casa. Os jovens se entusiasmaram e quiseram reproduzir no colégio, estabelecendo uma ponte com a família. A professora Fátima Covas promoveu uma oficina de confecção de objetos através do reaproveitamento de sucata e alimentos.

A exposição "Retratos do mundo", com ajuda de Márcia Bonfim, que leciona Biologia, relacionou os ambientes bons e ruins, a partir de contrastes entre diversas realidades do local em que moram. A "Farmácia fitoterápica", apoiada por Andrea Gisselda, também técnica do curso de Gerência em Saúde, fez vários tipos de chá, mostrando o seu uso medicinal.

Para a equipe pedagógica o objetivo do projeto, que é continuado, se cumpriu. Atualmente a Escola Técnica Oscar Tenório não é mais uma instituição à parte. Ela se articula com a comunidade, com a preocupação de auxiliar nas necessidades do bairro. O programa *Agenda 21* confirma que educar não é só transmitir conhecimentos. Ele coloca em pauta hábitos mais saudáveis adotando atitudes simples como trabalhar em grupo e contribuir para a conservação do espaço físico: "Ele promove envolvimento com o espaço em que se atua, resgata valores e habilidades, permite acesso a informações e ideias, e garante a interdisciplinaridade, exigida por lei. Até os funcionários da limpeza dizem que o colégio está mais limpo. Eles se tornam cidadãos mais conscientes para atuar no meio em que vivem e contribuir para uma qualidade de vida melhor".

Escola Técnica Estadual Oscar Tenório  
Rua Xavier Curado s/nº – Marechal Hermes – Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 21610-330  
Tel.: (21) 2452-2456  
Direção: Maria das Graças Antunes  
Fotos cedidas pela escola





# Coleta Seletiva

Projeto aplica noções de reciclagem

Claudia Sanches

Muitos desastres ambientais têm sido relacionados com a ação do homem, como a poluição do meio e o uso indiscriminado dos recursos naturais. Mostrar que o futuro do planeta não está somente nas mãos das autoridades foi uma das mensagens do projeto *Coleta Seletiva*, realizado com jovens do

5º ao 9º anos na Escola Estadual Desembargador Ferreira Pinto, localizada em São Gonçalo.

Diariamente, uma grande quantidade de produtos recicláveis, como garrafas *pet*, plásticos, isopores e lixo orgânico, é descartada. Nem toda essa produção tem o destino adequado, como um aterro sanitário ou uma usina de reciclagem. Durante a culminância estudantes mostraram destinos criativos para boa parte desse lixo e descobriram muitos novos talentos.

Para contemplar a disciplina de Ciências e a Educação Ambiental, a coordenadora pedagógica Regina Codeço e a diretora da escola, Neusa Ribeiro, sugeriram essa temática, com o enfoque na coleta seletiva, que contribui diretamente para a diminuição dos dejetos. Com a orientação dos professores de Ciências, que distribuíram as tarefas e estratégias, as equipes começaram a trabalhar.

## Separando os materiais

Os jovens se dividiram pelos diversos tipos de materiais, como plástico, vidro, metal e papel, e cada grupo representava uma cor, segundo a padronização da coleta seletiva. No dia da culminância os alunos decoraram seu



estande com as cores. A composteira, fabricação de adubo orgânico a partir do lixo biodegradável, apresentada pelo 7º ano, ganhou um destaque muito grande. Os professores de Geografia levaram a turma da cozinha para assistir aos vídeos e participar das oficinas para aprender a fabricação do adubo e até a sementeira. Nos estandes todas as etapas da sua confecção foram expostas, desde a separação dos restos, pelas transformações, até a secagem e plantio das mudas.

Alguns pais estão fazendo a composteira em casa, com ajuda dos filhos. Gabriel já está com a sua quase pronta. De luvas, ele explica que todos os dias tem que colocar a mão na terra para misturar: "Está quase seca, já tem até minhoca. Eu e minha mãe estamos nos mudando para uma casa maior e vamos fazer uma horta", explica o menino. O 6º ano, com a cor amarela, valorizou a liberdade de expressão. A garotada compôs e tocou o *rap* "Faça sua parte", confraternizando com os pais durante a culminância.

Outra equipe do 7º ano, com o *slogan* "Tempos de compostagem, ajude a reciclar", mostrava o retrato do bairro. Os estudantes fotografaram vários locais nas proximidades do colégio, em rios e ruas. "Essa é a nossa realidade. Estamos falando para os alunos repro-



Nas muitas mensagens transmitidas pelos alunos, uma sintetizou bem a proposta apresentada pelo projeto: "O lixo de uns é o tesouro de outros"



duzirem em casa junto aos responsáveis", justificava a docente Maria de Lourdes Antunes. A professora de Matemática Márcia Pinheiro ajudou na contabilização do tempo de decomposição de cada tipo de resíduo.

O 8º ano trabalhou reaproveitamento e reciclagem do papel. O grupo de cor azul produziu lindos objetos com jornal e folhas prensadas. Mas a grande curiosidade ficou por conta da produção de papel. Os jovens davam a receita: papel usado, água, bacia, peneira e liquidificador. Com essas indicações Gabriel produziu bloquinhos e um jogo de damas feito de papelão.

No reaproveitamento de alimentos, outra turma do 8º ano realizou algumas experiências culinárias na escola e em casa com os pais. Muitos *gourmets* se revelaram. Caroline inventou um musse de maracujá, aproveitando as cascas de laranja como recipiente, oferecendo um novo gosto à iguaria. "Trabalho em uma lanchonete da família e tive essa ideia durante o serviço. A professora aprovou e quem degustou adorou a novidade", conta a pequena *chef*.

"O lixo de uns é o tesouro de outros" é um apelo do 9º ano, representando a cor verde, para o problema do vidro, que leva de cem até um milhão de anos para se decompor. Segundo as pesquisas, 44% do

material é reciclado. Através do projeto, estudantes e funcionários tiveram a oportunidade de confirmar que existem experiências bem-sucedidas com a coleta seletiva. O Albergue da Misericórdia, localizado no município, instituição que abriga população de rua, dá uma aula de coleta seletiva e reaproveitamento. O colégio faz campanha de óleo, recolhido para o abrigo, que confecciona sabão para uso próprio.

Os hóspedes saem pelos bairros, cedem os sacos da coleta seletiva e recolhem o lixo de colégios, restaurantes e residências da cidade. Vale a pena conferir a produção de hortaliças hidropônicas, o gás natural fabricado a partir das fezes dos porcos, que aquece a água e acende os fogões do albergue, e o lindo telhado formado com garrafas *pet*, construído pelos próprios moradores. Uma lição de coleta seletiva e cidadania. Mais informações: [www.darumachance.com.br](http://www.darumachance.com.br) ◆

Escola Estadual Desembargador Ferreira Pinto  
Rua Nestor Pinto Alves, s/nº – Vila 3 – São Gonçalo/RJ  
CEP: 24711-070  
Tel.: (21) 3712-2320  
Diretora: Neusa Ribeiro da Silva  
Fotos: Marcelo Ávila



# Lei sobre o ensino de música traz novo som às escolas

Marcela Figueiredo

Mais que descobrir uma voz bonita e afinada ou um aluno que se destaca no comando de algum instrumento, a aprovação da Lei nº 11.769, que torna obrigatória a disciplina de música na grade curricular dos ensinos Fundamental e Médio, trouxe um novo ritmo ao festival de música do Colégio Estadual Doutor Mário Guimarães. O projeto *Festival de Música – Descobrimo Novos Talentos* teve como um dos objetivos fazer da escola um espaço de integração entre alunos, professores e funcionários, e começou a se consolidar quando a coordenadoria de educação propôs um concurso de música entre as escolas.

Para decidir qual aluno ou banda representaria o colégio, professores e direção resolveram promover um concurso interno. O vencedor iria defender a escola no festival regional. De lá pra cá já se passaram três anos e dois festivais realizados. Este ano, a disputa recebeu a inscrição de 23 cantores, e a escola descobriu talentos que reunidos seriam capazes de formar duas bandas com guitarra, baixo, teclado e bateria. Já os que não se entendiam muito bem com os instrumentos e não levavam muito jeito para cantar, descobriram um talento para ornamentação e decoração. Outros apresentavam uma capacidade incrível de liderança e organização. Tudo foi regido pela maestrina Sheila Soares, professora de Química, que conduziu os alunos durante todo o processo.

Mas o trabalho não foi fácil e todos tiveram que se empenhar para que o festival acontecesse conforme o planejado. “Houve momentos em que pensei que não íamos conseguir. A gente luta com as dificuldades que toda escola tem, mas todo mundo se dedicou muito e no dia do festival foi tudo muito legal”, conta a professora Sheila. Tanto os alunos do Ensino Fundamental quanto os do Ensino Médio puderam participar, mas concorreram com alunos do mesmo segmento.

## Destaques do Festival

Iago Américo foi o campeão na disputa envolvendo os estudantes do Ensino Médio e Flávia da Silva, no Fundamental. Discos de vinil e cartolinas pretas foram os elementos base para a ornamentação. Estudantes e seus amigos emprestaram os equipamentos e o júri foi formado por docentes e ex-alunos. A professora Carol Paiva participou da comissão julgadora do festival e para ela este tipo de projeto “é capaz de atrair os alunos que estão desanimados com os estudos, pois faz com que eles se sintam bem e tenham prazer de estar na escola”.

Isabele Soares e Daiana Amaro estudaram no colégio, concorreram no festival e este ano estiveram presentes como juradas. Ambas presenciaram os dois lados,



foram avaliadas e julgaram os alunos e por isso sabem como ninguém o valor desse tipo de trabalho na vida de um estudante. “Na escola existem muitas pessoas com talento e que precisam de um incentivo. O festival é uma forma de estimular o jovem”, ressalta Daiana, que, por saber como é difícil o momento da apresentação, diz que tomou muito cuidado na hora de julgar.

Já para o professor e músico Alanir Nunes os festivais servem para que os estudantes percebam que a escola pode ser um lugar prazeroso. Ele destaca: “a escola não é só para estudar. Nela podem ser feitas coisas que deem prazer ao aluno. Os festivais de música podem servir para que novos talentos sejam descobertos”, sugere o docente de Matemática e jurado no festival. A professora Carol Paiva compartilha da mesma opinião. Para ela “o festival pode ser um incentivo para os jovens que estão desanimados, pois faz com que eles se sintam bem e tenham prazer de estar na escola”.

Todos os que de alguma forma participaram da atividade concordam que a música tem papel fundamental na formação e desenvolvimento dos estudantes e, quando trabalhada pela escola, pode ser um meio de integração, socialização, motivação e incentivo. “Quando vi todos os estudantes juntos percebi que não tenho só alunos na escola, mas também amigos” declarou Sheila.

Colégio Estadual Doutor Mário Guimarães  
Rua João Batista Rodrigues, s/nº – Maria José – Nova Iguaçu/RJ  
CEP: 26260-340  
Tels.: (21) 2669-1881 / 2660-4011  
Diretora: Claudia Somma  
Fotos cedidas pela escola





# “Do you speak english?”

Especialistas em Língua Inglesa, professores e gestores abordam as dificuldades e os desafios do ensino de Inglês na escola regular

O mundo é globalizado. As fronteiras, cada dia menores. E falar uma ou mais de uma língua estrangeira se tornou essencial. Nas escolas particulares, o inglês já é oferecido até para bebês. Mas e a qualidade dessas aulas? Elas oferecem aquilo que os alunos e os pais desejam?

Na grande maioria das instituições privadas de ensino, os alunos frequentam um curso de inglês paralelo às aulas da escola. Essa realidade gera um círculo vicioso: educandos que frequentam um curso de idiomas tendem a se tornar mais desinteressados com as aulas de inglês da escola, e o desinteresse atrapalha o aprendizado.

No Colégio Global, em São Paulo (SP), a solução, de acordo com a diretora Eliana Santos, foi oferecer um sistema chamado misto, onde os alunos que frequentam uma escola de idiomas são dispensados das aulas de inglês e comparecem apenas nas avaliações. E, para quem opta por fazer o curso na escola, as aulas curriculares são oferecidas no horário oposto às aulas.

“Isso permite a ampliação da carga horária do ensino Fundamental e do Médio”, afirma a diretora. A escola está sempre buscando o melhor caminho em relação às aulas de inglês. Já chegou a terceirizar a área, mas hoje a coordenação assumiu a disciplina e além das aulas curriculares ainda oferece o ensino bilíngue de

forma opcional na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.

A terceirização tem sido uma das opções para oferecer mais qualidade no ensino do idioma. Renata Berndt é coordenadora pedagógica da Learning Fun, em Brasília (DF), escola de idiomas para crianças que trabalha em parceria com colégios. Ela afirma que dentro das escolas em que atua, na forma de terceirização principalmente, a instituição busca agregar o ensino da língua inglesa com os projetos das escolas, pois dessa forma a criança vivencia os conteúdos em português e também em inglês, o que traz mais significado

para os alunos. “Acreditamos que, quanto mais a criança for exposta à língua inglesa, mais rápido ela aprenderá”, afirma.

Para o professor José Carlos Almeida Filho, docente da área de Aquisição e Ensino de Línguas da Universidade de Brasília (UnB), o aprendizado de línguas nas escolas regulares está em crise. Ele faz ressalvas à terceirização das aulas, pois acredita que a escola deveria assumir esta responsabilidade e não delegar para as instituições que têm

o ensino do inglês como atividade-fim. Ele acredita que o que falta é uma comissão dentro do Ministério da Educação (MEC), de alto nível e de alto poder, para orientar uma política que venha do próprio ministério ou das Secretarias de Educação dos Estados. “A língua não é disciplina de olhar para si mesma. Língua





é para viver, se relacionar, conhecer o mundo e as pessoas, se apresentar, fazer coisas acontecerem em projetos, e assim por diante”, afirma.

Essa ideia de que a língua estrangeira não pode estar dissociada do projeto pedagógico da escola é compartilhada pela professora Celina Fernandes, mestre em Sociologia da Educação pela Universidade de São Paulo (USP), assessora educacional e coordenadora pedagógica da Escola Bialik, em São Paulo. “O processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras pode contribuir de maneira significativa se estiver engajado num projeto mais amplo de formação, ou seja, se não for reduzido à aprendizagem de um código linguístico”, afirma a educadora, acrescentando que “saber se expressar e se comunicar em uma língua estrangeira requer sensibilidade para compartilhar outros mundos, outros valores, outros estilos de vida e estar disponível a ir ao encontro de si mesmo, por meio dessa relação com o estrangeiro”. Trabalhar com as diferenças também é um desafio, tanto as de aprendizado de cada aluno, quanto do interesse, já que, para alguns, a disciplina pode não ter a importância primordial da Língua Portuguesa ou da Matemática, por exemplo. Para Ton Pires, coordenador de Língua Inglesa do Centro Educacional Sigma, em Brasília, o importante é perceber a necessidade de cada aluno, aprimorar a preparação das aulas, a didática desenvolvida em sala e a atenção àqueles que apresentam dificuldades. “Temos dois plantões semanais para o atendimento a esses alunos”, conta.

Ele comenta que algumas escolas tratam a Língua Inglesa como uma matéria sem importância, aquela disciplina que de forma obrigatória tem que estar na grade horária. “Se todas as escolas criassem mecanismos de motivação, de seriedade com a língua,

de cumprimento dos tópicos, de avaliações sérias, de valorização do profissional, envolvimento numa interação mais próxima aluno-professor, com certeza a Língua Inglesa seria mais apreciada e prazerosa para os alunos”, afirma.

## Diretrizes

Afinal, qual o objetivo das aulas de inglês na escola regular? Está nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, os PCNs: “os temas centrais desta proposta são a cidadania, a consciência crítica em relação à linguagem e os aspectos sociopolíticos da aprendizagem de língua estrangeira. Esses temas se articulam com os temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais, notadamente na possibilidade de se usar a aprendizagem de língua como espaço para se compreender, na escola, as várias maneiras de se viver a experiência humana. E primordialmente objetiva-se restaurar o papel da língua estrangeira na formação educacional. A aprendizagem dessa disciplina, juntamente com a língua materna, é um direito de todo cidadão, conforme expresso na Lei de Diretrizes e Bases e na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, publicada pelo Centro Internacional Escarré para Minorias Étnicas e Nações (Ciemen) e pelo PEN-Club Internacional. Sendo assim, a escola não pode mais se omitir em relação a essa aprendizagem”. Entretanto, será que esse direito vem sendo exercido? Para Celina, as diretrizes dos PCNs são documentos que deveriam orientar a elaboração dos Projetos Políticos-Pedagógicos das escolas de modo geral, mas acabam orientando mais as instituições públicas, no caso da Língua Inglesa. Isso porque defendem a ênfase na leitura a partir da qual os conhecimentos linguísticos vão



sendo construídos. Segundo a Mestre em Sociologia da Educação, para as escolas públicas, esse enfoque é bom, em virtude do número de aluno por classe, do número de aulas por semana e do conhecimento que o professor tem da língua. Mas, de acordo com a educadora, para as escolas particulares, sobretudo as chamadas “escolas de excelência”, essas orientações deveriam ser ampliadas para oferecer um trabalho a partir do qual os alunos desenvolvam outras habilidades: compreensão e produção oral e escrita. “As orientações são gerais, diretrizes mesmo, mas cada secretaria estadual ou municipal acaba tendo documentos específicos. Esses documentos devem seguir as diretrizes nacionais”, completa.

## Carga Horária

Outro ponto abordado é a frequência das aulas. Normalmente, elas são dadas uma ou duas vezes por semana, em salas que chegam a ter 30 ou mais alunos em diferentes fases de aprendizado e níveis de interesse pela disciplina, o que, para a maioria dos especialistas e professores consultados nesta reportagem, dificulta o desenvolvimento de um aprendizado que priorize a fundo as atividades de leitura, escrita e conversação. Esse pode ser mais um fator que faz com que o aprendizado fique comprometido.

A jornalista Tatiana Diniz, que mora há dois anos fora do Brasil com o filho João, em Caerleon, no País de Gales, concorda que a pequena carga horária pode ser um dos motivos de as escolas não alcançarem o objetivo que, segundo ela, deveria ser ensinar os alunos a falar, escrever e a entender o inglês. Ela acrescenta que o formato de ensino também não ajuda: “As informações chegam descontextualizadas e em doses aleatórias de vocabulário, verbos e regras gramaticais, tudo de uma forma meio ‘morta’, instrumental apenas, o que pode ser extremamente

monótono para uma criança ou um adolescente”. João saiu do Brasil com 5 anos e foi alfabetizado em inglês; a mãe sempre estudou inglês, dentro e fora da escola.

A opinião é compartilhada pela coordenadora da Learning Fun. Para ela, antigamente, o inglês curricular era baseado em métodos bem tradicionais, com livros didáticos prontos, onde a criança aprendia por meio de muita repetição e cópia, e faltava muito a parte lúdica. “As crianças hoje em dia precisam entender o porquê devem aprender um segundo idioma. A língua inglesa tem que ser exposta contextualizada, por meio de temas que os motivem e os mantenham atentos. A criança, quando entende que o inglês será importante e útil dentro do seu mundo, sente-se feliz aprendendo, e o aprendizado ocorre de forma natural e permanente”, analisa. Renata completa que as escolas de hoje já têm mais esta preocupação, e os pais estão cada vez mais críticos quanto a isso.

A estudante Letícia Longo Buena, de 17 anos, de São Paulo (SP), afirma que, pela sua experiência, as aulas baseadas em vocabulários básicos, que se usa no dia a dia (como os nomes de animais, coisas da casa e objetos simples), desestimulam os alunos. Fluente em inglês, ela conta que adquiriu o conhecimento da língua de forma autodidata, com filmes, internet, conversando e também em escolas de idiomas. Ela garante que o inglês da escola regular não ajudou nesse aprendizado. “É tudo muito básico: os verbos usados, a formação de frase e o aprendizado dos pronomes. Ninguém sobreviveria um dia em um país de língua inglesa com isso”, opina. Para Celina, a qualidade das aulas também está relacionada à formação dos docentes e, no caso de um professor de Língua Inglesa, é fundamental que ele tenha um bom domínio do idioma, mas isso não é suficiente.

“É preciso saber ensinar e isso não se reduz ao conhecimento e uso de uma gama de estratégias didáticas. O professor precisa estudar, ler, ir ao cinema, viajar, ter uma vida intelectual e de convivência rica”. Ela ainda completa que ter esta variedade no aprendizado é importantíssimo para a formação dos educadores.

Fonte: Matéria extraída da Revista Gestão Educacional, nº 74, julho de 2011.

Colaboração: Deborah Trevisan

### ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA

Problemas potenciais	Consequências
Alunos que resistem a aprender.	Indiferença, dispersão.
Baixas expectativas.	Desmotivação, fracasso.
Objetivos irreais, distorcidos, difusos, não explicitados.	Frustração.
Objetivos apenas voltados ao aprendizado gramatical.	Ansiedade, indisciplina.
Limitações fisiológicas: cansaço, fome, estresse do ambiente.	Falta de atenção, de concentração.
Limitações organizatórias: último horário na grade, um só horário por semana, a disciplina que cede o horário para reuniões extraordinárias na escola.	Baixo aproveitamento, esquecimento rápido.

Fonte: José Carlos Almeida Filho, professor da área de Aquisição e Ensino de Linguagem da Universidade de Brasília (UnB).

## Histórico Passo a passo

O livro *Caminhos e Colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil*, de Cristina Stevens e Maria Jandira Cunha (Editora Universidade de Brasília), apresenta detalhes sobre a legislação e o ensino de línguas estrangeiras no Brasil. As informações a seguir fazem parte do capítulo "A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e formação de professor de língua inglesa", escrito por Vera Lucia Menezes de Oliveira e Paiva.

- No Brasil, o ensino oficial de línguas estrangeiras iniciou-se em 1837, com a criação do Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro. Francês, inglês, alemão, italiano, latim e grego eram as línguas que se apresentavam como obrigatórias ou facultativas.
- Em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) retira a obrigatoriedade do ensino de língua estrangeira no ensino básico e deixa a cargo dos Estados a opção pela sua inclusão nos currículos. É justamente nessa época que cresce a opção pelo inglês na maioria das escolas. Mas, com a intensificação do senso comum de que não se aprende línguas estrangeiras nas escolas, crescem os cursos particulares de inglês.
- No final de novembro de 1996, a Associação de Linguística Aplicada do Brasil (Alab) promove o primeiro

Encontro Nacional de Política de Ensino de Línguas (I Enple) e, ao final do evento, é divulgada a Carta de Florianópolis, que propõe um plano emergencial para o ensino de línguas no País. A primeira afirmação do documento enfatiza que todo brasileiro tem direito à plena cidadania, a qual, no mundo globalizado e poliglota de hoje, inclui a aprendizagem de línguas estrangeiras, e propõe, entre outros itens, que seja elaborado um plano emergencial de ação para garantir ao aluno o acesso ao estudo de línguas estrangeiras, proporcionado por meio de um ensino eficiente. O documento defende, explicitamente, que a aprendizagem de línguas não visa apenas a objetivos instrumentais, mas faz parte da formação integral do aluno.

- Um mês depois, em dezembro de 1996, enquanto o documento estava sendo divulgado e enviado a diversas autoridades educacionais do País, é promulgada a nova LDB, que torna o ensino de língua estrangeira obrigatório a partir da 5ª série do Ensino Fundamental. O Art. 26, §5º dispõe que na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da 5ª série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição.



Associado,

Já estão abertas as inscrições para as atividades físicas de Caminhadas e Corridas. Inclusive já estamos cadastrando profissionais de Educação Física - que tenham prática nessa atividade - para atuar como instrutores. Vamos fazer desse novo benefício um grande movimento de integração, saúde e lazer.



# Nossa vida nosso futuro

Experimentos científicos buscam soluções que atendam as necessidades da sociedade

Tony Carvalho

**H**á muitos séculos, o homem começou a estudar os fenômenos químicos. Com seus experimentos, eles davam início a uma ciência que amplia constantemente os nossos horizontes. Com o tempo, foram descobertos novos produtos, novas aplicações, novas substâncias. O homem foi aprendendo a sintetizar elementos presentes na natureza, a desenvolver novas moléculas e a modificar a composição de materiais. Da siderurgia à indústria da informática, das artes à construção civil, da agricultura à indústria aeroespacial, não há área ou setor que não utilize em seus processos ou produtos algum insumo de origem química. E foi com o propósito de mostrar à comunidade a presença dos processos químicos em nosso dia a dia que os alunos do curso técnico do Colégio Araújo Petra, em Duque de Caxias, promoveram a *XIII Feira de Divulgação Científica da Química*.

A mostra reúne anualmente alunos do curso pós-médio de Química e das turmas de curso concomitante ao Ensino Médio. De acordo com Ângela Rodini, diretora administrativa do colégio, a média de alunos que saem para o mercado de trabalho é grande e atende às dezenas de empresas instaladas na região. "Nós fazemos um acompanhamento constante junto às empresas para detectar eventuais dificuldades que os jovens possam apresentar. Desta forma, temos

a possibilidade de aperfeiçoar o nosso ensino à realidade do mercado de trabalho e, assim, o estudante não sentirá diferença entre o que aprendeu na escola e o que irá vivenciar no laboratório da empresa", justifica. Segundo a diretora, essa preocupação da escola com a formação qualificada faz com que muitas pessoas que já concluíram o nível superior em Química e até profissionais com anos de mercado venham ao colégio cursar o pós-médio.

Para o professor Cássius Clay





Todos os ensinamentos teóricos ministrados no curso pós-médio são aperfeiçoados para a realidade do mercado de trabalho

Borges é gratificante ver tantos jovens envolvidos em uma área que até bem pouco tempo era considerada chata ou sem graça. “Hoje, graças a um aprendizado mais dinâmico e prático, os alunos interagem mais e quebraram com muitos preconceitos que a disciplina carregava”, conta. O aluno Caíque Santana é um exemplo de caso de amor com a Química. Com apenas 16 anos ele demonstra um enorme conhecimento da matéria e revela: “O químico tem de ser acima de tudo um curioso. Gosto de fazer experiências e me interesso bastante por efeitos especiais, área em que pretendo me especializar”. Já a aluna Jamille Kelly Mercedes prefere a Química Orgânica, responsável pelo estudo das propriedades, composições e síntese de compostos que, por definição, contenham carbono ou elementos como o oxigênio e o hidrogênio.

Gisele de Sousa Cristo é aluna do primeiro módulo do pós-médio. Sua relação com a Química começou desde pequena e hoje já faz estágio em uma farmácia de manipulação. Sua colega de turma, Eloá de Oliveira, confessa que quando ingressou no curso estava interessada apenas nos ganhos financeiros que a área poderia lhe proporcionar. Contudo, quando iniciou as práticas em laboratório, se apaixonou perdidamente pelas reações químicas. Atualmente, ela também já está no mercado de trabalho. Na feira, as duas, ao lado de outras colegas, apresentaram aos visitantes a química presente na indústria cosmética. Em cada estande, foi possível conferir algumas das muitas aplicações da disciplina: estética, saúde, alimentos, fertilizantes, polímeros, combustíveis, pirotecnia, qualidade de vida, entre outros.

Em cada trabalho apresentado dava pra notar a preocupação dos alunos com a preservação ambiental. O grupo da estudante Amanda Marques, do 1º módulo do pós-médio, abordou as experiências com fertilizantes naturais. Para ela, as descobertas e a transformação contínua da vida é que lhe motivaram a ingressar na área. “O químico do futuro precisa estar antenado com o reaproveitamento, porque toda indústria gera resíduos que podem ser utilizados na fabricação de fertilizantes, seja mineral ou orgânico”, ensina. A professora Cátia Lins, coordenadora do curso dessa disciplina, confirma esse envolvimento dos futuros profissionais com as questões ambientais. “Procuramos mostrar a Química presente no cotidiano de todos nós e a busca por soluções que venham a atender as necessidades da sociedade, como o desenvolvimento de uma nova sacola plástica em substituição às atuais”, completa.

Ao final do evento, a coordenadora dos cursos noturnos, Valcenir Castro, comemorou os resultados positivos. “A cada ano, a repercussão da feira é maior. Os alunos têm a oportunidade de mostrar o que aprenderam, e a comunidade se vê diante da possibilidade de vivenciar esses conhecimentos. Muitos empresários vêm à mostra observar o desempenho de nossos alunos e alguns deles recebem propostas de trabalho”, conclui.

Colégio Araújo Petra  
Rodovia Washington Luiz, Qd. 02, Lt. 05 – São Judas Tadeu  
– Duque de Caxias/RJ  
CEP: 23815-310  
Tels.: (21) 3656-4438 / 2773-0764  
Fotos: Fábio Lacerda







# Práticas originais de leitura

Atividades sugerem três formas criativas de trabalhar a subjetividade na pauta da literatura

Lena Lais

A constante preocupação com a constituição de alunos leitores é assunto recorrente nas escolas. As perguntas giram em torno dos mesmos pontos: o que fazer para que o aluno leia mais? Como assegurar leituras de maior qualidade? Que atividades de leitura podemos lhe oferecer? Embora não haja respostas prontas ou fechadas para tais perguntas, podemos vislumbrar algumas respostas.

A Sociologia da Leitura aponta para questões relacionadas à “qualidade x quantidade” no ato de ler. Certa vez, por ocasião da pesquisa do mestrado, li para uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública de Salvador (BA), um conto sobre um garoto que gostava muito de ler. Em seguida, abri questões e reflexões com o grupo. Perguntei, dentre outras coisas, sobre o significado do livro para aquele personagem e sobre quantos livros eles achavam que esse menino já havia lido. As respostas apontaram para modos de ver semelhantes em relação ao significado de ser leitor e ao volume de livros lidos pelo garoto da história (não ultrapassou a casa dos dez). Isso mesmo! Esse foi o maior número que apareceu em suas respostas. Ou seja, podemos pensar que, para a realidade de acesso ao livro desses estudantes, ler dez livros é uma grande conquista e um documento que autoriza a entrada na lista de pessoas leitoras. Migrando para outro grupo social, cujo acesso ao livro é abundante e o incentivo à leitura é precoce e bem mediado, ler dez livros pode equivaler, simplesmente, a dez noites consecutivas, ao pé da cama.

Realidades sociais distintas desembocam em relações de leitura, não cabendo ao professor (como mediador de leitura) julgar que por ter mais ou menos acesso o leitor do primeiro exemplo é inferior ao do segundo. Fica em suas mãos, isso sim, a possibilidade de ampliar quadros de leitura e ser mais uma referência de leitor para seu aluno.

O que podemos dizer, então, sobre a escola decidir o que é qualidade num texto que será consumido pelos alunos? A tendência natural é a de indicar textos ditos clássicos, ou mesmo repetir escolhas anteriores, desprezando algumas vezes um mercado editorial que se renova a cada ano e traz textos de novos e brilhantes escritores, ainda desconhecidos. Não se deve abrir mão de antigos e renomados autores, mas é necessária muita atenção às novidades da literatura infantil e juvenil para renovar o acervo, ampliar a bagagem e brindar os leitores com a variedade de texto que eles merecem.

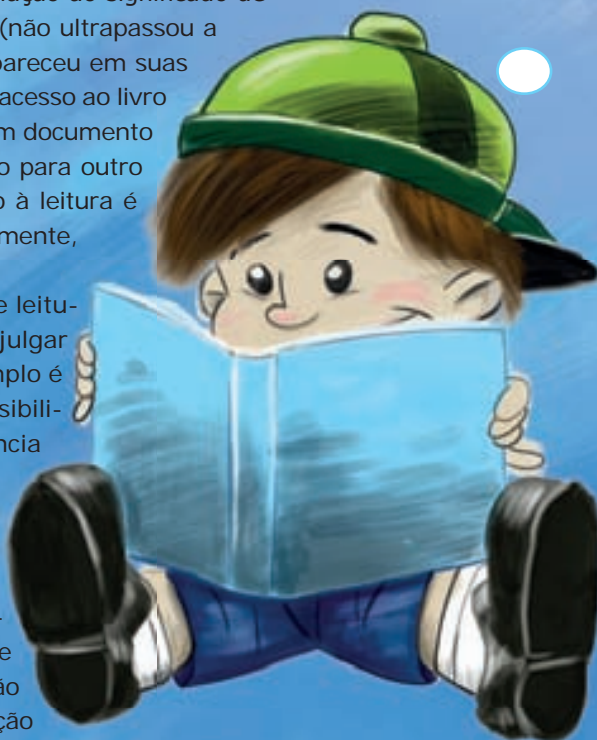


Ilustração: Luiz Cláudio de Oliveira

Uma vez estando os professores abertos a considerar conceitos e pré-conceitos acerca da leitura da literatura – já que exercitamos nos ver como leitores e com isso constataremos as diferenças nos gostos de cada um –, podemos partir, então, para pensar nas práticas de leitura.

Qualquer atividade envolvendo texto, produção escrita ou livro remete a uma atividade de leitura. Entretanto, quando decidimos por desenvolver uma prática, com ou sem livro, mas cujo fim desemboque na arte, sobretudo na literatura, aí precisamos focar nosso olhar no aluno-leitor. Não no aluno simplesmente (aquele que precisa ser aprovado), mas naquele que lê, que gosta ou não do texto, que tem preferências, que possui um repertório e um pensamento próprio de sua idade, que possui planos e desejos e, sobretudo, uma subjetividade que precisa vir à tona e ser escutada pelo professor-mediador. Isso mesmo: um professor-mediador e não simplesmente um docente.

## Como desenvolver

Selecionamos e detalhamos a seguir três atividades relacionadas à prática da formação do leitor. São possibilidades de exercícios de leitura já realizados em sala de aula e que também estão divulgados no livro *Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula* (Editora Artmed).

### Primeira prática

Denominada “A foto que conta uma história”, essa prática não demanda nenhum livro, apontando para o próprio texto do aluno como um material rico em possibilidades de exploração,

criatividade e literatura, além de evidenciar o potencial imaginativo que o aluno-leitor possui. Na medida em que o principal material utilizado são fotos dos estudantes – o que irá remeter às suas vidas pessoais –, os temas trabalhados são todos aqueles de ordem subjetiva: vida, família, arte etc.

### Etapas:

1. Solicite aos alunos que levem para a aula fotos que tenham sido tiradas durante comemorações (como casamentos e aniversários). Eles devem guardar segredo sobre as fotos até o momento do trabalho.
2. No dia da atividade, peça para os alunos trocarem as fotos entre si.
3. Explique que cada estudante deve escrever o que pensa que aconteceu antes e depois de a foto ser tirada. Faça perguntas como: “Era um dia festivo?”, “Você acha que a pessoa estava feliz?” e “Aconteceu algo a ela antes de posar para a foto?”.
4. Deixe que os educandos leiam seus textos.
5. Em seguida, o próprio dono da foto deverá contar o que aconteceu naquele dia.

### Atividade

#### “A foto que conta uma história”

### Objetivos

- Exercitar a imaginação e a criatividade;
- Construir textos por meio de imagens.

### Público-alvo

Atividade indicada a alunos do Ensino Fundamental I ao Ensino Médio, considerando que as expectativas para cada faixa etária são diferentes.

### Materiais necessários

- Fotos tiradas durante comemorações;
- Caderno e lápis.

### Segunda prática

O nome desta atividade é “Nós e nós” e, mais uma vez, o apelo ao tema aqui proposto desemboca nos aspectos subjetivos: leitura da vida de cada um, relações interpessoais, amizades, famílias etc. Em experiências anteriores com essa prática, sobretudo em escolas públicas, constatei que as identificações com a personagem dessa história foram tão acentuadas que promoveram reflexões interessantes, comentários sobre o “estar no mundo” e manifestações de solidariedade pelo “nó” do colega. Todavia, vale considerar que para desenvolver essa atividade é necessária uma escuta mais generosa por parte do professor. Fazer essa prática com pressa, horários marcados ou tempos engessados é perder aquilo que ela traz de mais bonito: a possibilidade de conhecer melhor o outro, suas fantasias, seus medos, suas dores e suas chances de superação.

### Etapas:

1. Pergunte para os alunos se eles se lembram de algo que os fez sentir raiva.
2. Questione qual atitude eles tomaram quando isso aconteceu.
3. Mostre a capa do livro *Nós*, de Eva Furnari, e diga para tentarem adivinhar sobre o que a obra fala.
4. Leia o livro com os educandos.
5. Em seguida, converse com os estudantes sobre as soluções para se “desatar os nós” causados pela vida.
6. Solicite que escrevam sobre o pior “nó” que eles já tiveram



que desatar em suas vidas, perguntando se alguém os ajudou a resolver o problema ou se resolveram sozinhos.

7. Diga para escreverem outras soluções para desatar “nós”.

### Atividade “Nós e nós”

#### Objetivo

Evidenciar o papel identificador da literatura com algumas questões subjetivas.

#### Público-alvo

Atividade indicada a alunos do 4º ano do Ensino Fundamental ao Ensino Médio.

#### Materiais necessários

- Livro *Nós*, de Eva Furnari (Editora Global, 1999);
- Papel;
- Lápis ou caneta.

## Terceira prática

Outra proposta de prática de leitura é a “Imaginando a história”, que envolve os sentidos auditivos e visuais dos alunos. Uma sugestão interessante é o professor desenvolver essa atividade em um local diferente da sala de aula.

#### Etapas:

1. Ponha uma música escolhida por você.
2. Sugira aos estudantes que fiquem na posição que for mais confortável, e de olhos fechados.
3. Comece a descrever um local. Exemplo: “Você está caminhando em uma floresta. Existem muitos tipos de árvores. Há

caminhos escuros e claros. Você sente um pouco de medo, mas não tem vontade de parar, porque sabe que ali adiante encontrará o seu lugar, com tudo o que gosta. Pronto! Agora você chegou diante de uma porta. Você sabe que atrás dela está o seu lugar. Você pega na maçaneta e abre. Uma luz muito forte lhe confunde a visão, mas logo em seguida permite que você enxergue tudo. Esse é o seu lugar. O lugar com tudo o que você sonhou.”

4. Peça para os alunos desenharem, em silêncio, o lugar narrado.
5. Sugira que escrevam a história desse lugar ou façam uma lista de todas as coisas que possam estar presentes nesse espaço.
6. Com os alunos em roda, o momento final é destinado a que sejam compartilhadas as diferentes imaginações.

### Atividade

#### “Imaginando a história”

#### Objetivos

- Provocar a imaginação, por meio das sensações;
- Evidenciar, para o estudante, o seu poder criador;
- Incentivar o exercício da subjetividade do estudante.

#### Público-alvo

Atividade indicada a alunos de 4º e 5º anos, não descartando a possibilidade de atender a públicos do Ensino Fundamental II, desde que o mediador faça alterações no texto inicial de provocação.

#### Materiais necessários

- Equipamento de som;
- CD de músicas suaves e relaxantes;
- Papel;
- Hidrocor, lápis de cor ou tintas.

## Avaliação

Ao propor atividades de leitura focando a arte, a literatura ou os aspectos subjetivos trazidos por elas, os educadores correm alguns riscos. Um deles diz respeito à avaliação das produções dos estudantes. É possível observar, por exemplo, como o aluno está se comportando no desenvolvimento de seus argumentos, na organização da estrutura do texto ou na utilização das palavras. Mas não é recomendável que se faça isso pautado em notas rígidas ou meramente quantitativas. Antes de qualquer coisa, a aposta inicial deverá ser a de promover o encontro do aluno-leitor com a palavra, com o texto, com seu potencial criador e com sua possibilidade de expressão. Uma vez que isso tenha sido assegurado, aí podemos partir para nos preocupar em quantificar suas produções.

**Lena Lais** é psicóloga clínica, mestre em Estudos de Linguagem, consultora em projetos sociais e em escolas, autora do livro *Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula* (Editora Artmed).

Fonte: Revista Profissão Mestre, nº 142 – junho de 2011.

Ilustração: Luiz Cláudio de Oliveira



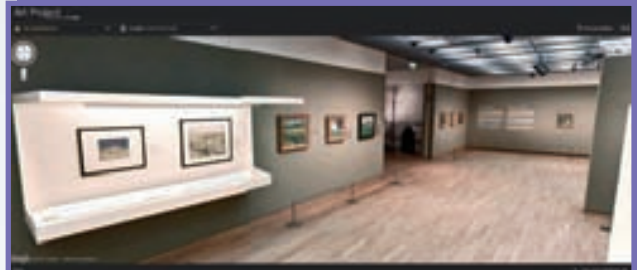
# Museu Virtual: É só clicar!



Visite os mais importantes museus do mundo com apenas um clique. A **Google** lançou este ano uma ferramenta *on-line* que dá a oportunidade ao usuário de conhecer importantes centros de cultura ao redor de todo o mundo sem sair de casa. Usando a tecnologia **Street View** e com ajuda do famoso veículo que *fotografa em 360 graus*, o **Google Art Project** fotografou o interior de lugares como o MoMA, de Nova York; o Museu Van Gogh, em Amsterdã; a Tate Britain e a National Gallery, de Londres. O resultado é que qualquer um que tenha acesso à **Internet** pode dar um passeio pelas galerias desses museus e obter informações a respeito das obras fotografadas.



Cada um dos 17 museus escolheu uma única obra de arte de seu acervo para ser fotografado com câmeras de altíssima resolução, ou "*gigapixel*". As imagens contêm cerca de 7 bilhões de *pixels*, o que significa que é mais de mil vezes mais detalhada do que uma foto comum de câmera digital. Por meio da tecnologia do **Picasa**, serviço de fotos da empresa, um *zoom* especial permite que se esmiúce esses quadros em microdetalhes.



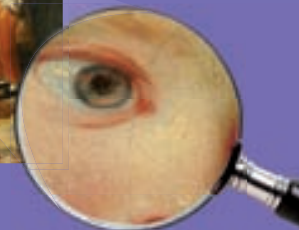
Todas as obras de arte listadas no **Google Art** vêm acompanhadas de informações como títulos originais, os anos em que foram criadas, suas dimensões e a quais coleções já pertenceram. Os usuários também podem criar suas próprias coleções e compartilhá-las pela *web*.



A tecnologia **Street View** somada às fotografias 360 graus permitem que o usuário se sinta dentro do próprio museu.

Segue a lista completa das obras capturadas em ultra-alta resolução:

- Alte Nationalgalerie, Berlim - "No conservatório" / Edouard Manet
- Freer Gallery of Art, Smithsonian, Washington DC - "A princesa da terra da porcelana" / James Whistler
- The Frick Collection, Nova York - "São Francisco no deserto" / Giovanni Bellini
- Gemaldegalerie, Berlim - "Retrato do O mercador Georg Gisze" / Hans Holbein the Younger
- Museu Kampa, Praga - "A Catedral" / Frantisek Kupka
- The Metropolitan Museum of Art, Nova York - "A colheita" / Pieter Bruegel, o Velho
- MoMA, Museu de Arte Moderna, Nova York - "A noite estrelada" / Vincent van Gogh
- Museo Reina Sofia, Madrid - "A garrafa de anis do mono" / Juan Gris
- Museo Thyssen - Bornemisza, Madrid - "Jovem cavaleiro numa paisagem" / Vittore Capaccio
- Galeria Nacional, Londres - "Os embaixadores" / Hans Holbein, o jovem
- Palácio of Versailles, France - "Marie-Antoinette de Lorraine-Habsbourg, rainha da França e seus filhos" / Louise Elisabeth Vigee-Lebrun
- Rijksmuseum, Amsterdã - "Vigília noturna" / Rembrandt
- Museu Hermitage, São Petersburgo - "Retorno do filho pródigo" / Rembrandt
- Galeria Tretyakov, Moscou - "A Aparição de Cristo diante do Povo" / Aleksander Ivanov
- Tate Britain, Londres - "Nenhuma mulher, nenhum grito" / Chris Ofili
- Galeria Uffizi, Florença - "O nascimento de Vênus" / Sandro Botticelli
- Museu Van Gogh, Amsterdã - "O quarto" / Vincent van Gogh







# ENVIRONMENT

## Educação ambiental nas aulas de inglês

Sandra Martins

A recorrência com que o tema consciência ambiental aparece nos projetos pedagógicos demonstra não ser suficiente pontuar os enormes impactos causados pela sociedade contemporânea. Contudo, é necessário, também, desenvolver a cultura da corresponsabilidade e comprometimento com a casa onde se vive: o planeta Terra. Com base nesta proposta, os alunos do segundo ano do Ensino Fundamental do Colégio São José do Instituto Vianna Junior, em Juiz de Fora (MG), foram incentivados a pesquisar, debater e produzir um livrinho sobre o meio ambiente em inglês.

Para trabalhar estes conceitos, as professoras Tatiane Rosa, Jacqueline Costa e Adriana Benda criaram o projeto *Meio Ambiente "Environment"*, que tem entre seus objetivos o auxílio na percepção da participação do homem na transformação do meio em que habita, mostrando também suas interferências negativas e o que elas têm causado à natureza. Assim como estimulá-los à leitura e escrita em português e inglês, aperfeiçoando o vocabulário de língua estrangeira e desenvolvendo a oralidade de acordo com a idade.

Segundo as coordenadoras, ao aprender e entender sobre a importância da preservação e do cuidar do meio em que vive, a criança certamente se tornará um cidadão responsável e comprometido com a sociedade da qual faz parte, sendo capaz de estabelecer relações, interagir, transformar e reelaborar neste meio e em outras realidades.

Para dar conta da grande quantidade de informações, foram selecionados temas e abordagens adequadas para a faixa etária dos alunos alfabetizados, entre 6 e 7 anos, cursando o 2º ano do Ensino Fundamental. O projeto, estruturado na técnica de debates com rodas de conversas, foi iniciado com o levantamento do que as crianças sabiam sobre o assunto. Foram feitas pesquisas na Internet, brincadeiras e jogos sobre o tema, seguidas de novas rodas de conversas e debates. A partir destes dados foram montadas as atividades em português e inglês com escrita e digitação.

As leituras na brinquedoteca e em sala de aula focaram textos e obras relacionados ao tema, além do livro didático de Ciências do Projeto Buriti, sobre os recursos da natureza, luz, solo, água e ar, que também foi utilizado no trabalho. Nas aulas de inglês, Jacqueline incentivava os alunos a produzir e digitar pequenas frases, além de pronunciar palavras utilizando músicas em português e inglês. Eles liam as letras, cantavam as músicas, debatiam sobre o conteúdo delas e desenhavam sobre o que ouviam e a mensagem que queriam passar. As canções trabalhadas foram *Planeta Água*, de Guilherme Arantes, e *What a Wonderful World*, de Louis Armstrong.

solo

ecossistema

ar

globalização

**energia**

A professora Adriana, de Informática, os orientou a fazer pesquisas em *sites*, brincadeiras e jogos na Internet. Tatiane Rosa, de Português, Matemática, Ciências e Estudos Sociais, enfatizou rodas de conversas sobre as diversas formas de preservação do meio ambiente e apresentou a importância dos recursos da natureza utilizando o livro didático e outras fontes bibliográficas.

**sustentabilidade**

Conforme Adriana Benda, as crianças superaram rapidamente possíveis dificuldades no campo tecnológico – meio digital e virtual. Elas assimilam com facilidade o uso da informática para aprofundar os conteúdos de sala de aula, para auxiliar na luta por uma sociedade mais consciente e que respeite o meio ambiente. O crescente interesse das crianças em cada atividade, em cada aula, indica que o caminho trilhado pelas professoras está correto. Em vários momentos, os alunos buscavam outras informações por conta própria: o que liam, escutavam ou viam servia de tema para conversarem em sala de aula.

De acordo com as educadoras, os pequenos se mostravam orgulhosos por estarem ensinando em casa, aos irmãos e pais, o que aprendiam. Se percebendo cidadãs, elas sabem que estão fazendo a diferença na escola, em casa e onde moram. Para Tatiane, apesar da pouca idade, as crianças percebem de forma clara a importância que cada indivíduo tem para melhorar o nosso planeta, a nossa qualidade de vida. “E é desta forma que a cidadania deve acontecer, com mudanças significativas no meio em que se vive e se interage”, afirma.

**biodiversidade**

Para as educadoras, o projeto, mais do que cumprir seus objetivos, constatou que a aprendizagem dos educandos foi construída de forma prazerosa e significativa, fazendo do conhecimento algo permanente e útil. “Esse é o papel e o desafio de todos os educadores, trabalhar para fazermos dos nossos alunos pessoas justas, responsáveis e que se importem com o que acontece com o mundo em que vivem. Cidadãos que queiram fazer a diferença. Daí ser fundamental a compreensão de que o primeiro passo para haver uma mudança efetiva deve ser o de trabalhar os próprios hábitos e atitudes: os novos conceitos devem ser naturalizados e internalizados. “Por isso, deve-se dar importância aos pequenos atos em nossas casas e escolas”, completou Adriana Benda, ao lembrar o próprio nome da publicação dos pequenos, que sinaliza esperança: “Uma mensagem para o futuro”.

**água**

**fauna**

Colégio São José do Instituto Vianna Júnior  
Conveniado à Rede Salesiana de Escolas  
Av. dos Andradas, 415 – Centro – Juiz de Fora/MG  
CEP: 36036-000  
Tel.: (32) 3239-2940  
Professoras: Tatiane Rosa, Jacqueline Costa e Adriana Benda  
Fotos cedidas pela escola





# Um mosaico de expressões

Projeto utiliza-se de diferentes linguagens como meio para propagar ideias e construir conhecimentos

Claudia Sanches

O nome do projeto surgiu baseado no grupo teatral "Bobeou, dançou". Mas, no esquema, teve conotação diferente e assumiu o significado de conhecer e poder bailar sobre o conhecimento. A professora começou a trabalhar na área de Língua Portuguesa, e depois foi conquistando adeptos de outras matérias, criando um clima interdisciplinar mesmo quando ainda não

O que a dança tem a ver com a escrita? E com a leitura? O projeto *Leu, Escreveu, Dançou...* provou que a dança pode ser uma grande aliada no processo de aquisição do conhecimento. É o que revelam os resultados do trabalho desenvolvido há 23 anos no Colégio Estadual Jardim Meriti, com as turmas de 9º ano e Ensino Médio. Esse ano a escola realizou a XX Mostra de Dança.

A atividade foi criada pela professora de Língua Portuguesa Regina Loureiro com o objetivo inicial de angariar fundos para a formatura, e os demais docentes se preocuparam em não abandonar o foco: a busca do conhecimento através do desenvolvimento da criatividade: "Em todas as etapas ficava bem claro o tema pedagógico para que fossem desenvolvidos os trabalhos que seriam expostos no dia da culminância, quando acontecia a grande festa onde arrecadávamos o necessário para a formatura. Todo conteúdo é retirado de diferentes disciplinas e das provas do Enem", resalta Regina.

se falava sobre isso.

O projeto se dividiu em duas etapas: o planejamento do tema e levantamento de dados para pesquisa em sala de aula. Os passos seguintes seriam a escolha da linguagem para representar e a organização da mostra, que muitas vezes vai às ruas. Esse ano o título no primeiro semestre foi "Brasil, um país de todos" explorado em várias formas de expressão corporal e visual, como teatro, pintura, poesia e dança.

Essa temática foi trabalhada em sala de aula e, como organização, as turmas se dividiram por regiões do Brasil. No final do semestre começaram as apresentações. A primeira foi a exposição de xilogravuras do projeto *Música ao pé da letra*, realizado pelo Sesc-Meriti, parceiro da escola há muitos anos. Os alunos participaram de oficinas baseadas na obra de Luiz Gonzaga e

Gonzaguinha e criaram xilogravuras inspiradas nas suas canções, que estão expostas no Sesc.

A culminância foi marcada por uma variedade de expressões artísticas. Enquanto os alunos se apresentavam na quadra, o artista do grafite e ex-



-aluno Fábio Claudino, oriundo do projeto, e seu filho, também aluno do 9º ano de nossa escola, pintavam lindos painéis no muro interno, inspirados nos ideais que fazem parte de nossa prática pedagógica.



Os grupos criaram belíssimas coreografias influenciadas pelo folclore regional. Os rapazes e moças driblaram a timidez e deram um *show* nas apresentações, ao mesmo tempo em que montavam as barracas regionais.



Outro destaque foi a *Mostra de Dança do grupo Jardim Meriti*, com as coreografias "Canta Brasil", que fala sobre a mistura de raças, e "Esporte, educação e arte: a esperança de um país", revelando a importância de investimentos em atividades desportivas e da arte para a formação de um país melhor. Durante os ensaios todos os tópicos são discutidos com os integrantes das equipes.

As competições esportivas, com jogos de vôlei, handebol, atletismo e xadrez, também fizeram parte do programa, com o apoio dos professores de Educação Física e a supervisão do ex-aluno Ewerton Marques. Todas as turmas foram divididas em times e cada um representava uma região brasileira. O evento contou com a presença do cantor Cristiano Melo, ex-aluno do colégio, em oficinas de grafiteagem e danças típicas de cada região.

Como a saúde também é questão de educação, e o trabalho ultrapassa os muros da escola, os estudantes foram às ruas sensibilizar a população para a vacinação contra o vírus da hepatite C. Os componentes do "Grupo de Dança Jardim Meriti" e os alunos que representaram o Nordeste e o Sudeste exibiram as coreografias como campanha de conscientização.

Hoje o projeto é articulado com grande parte do corpo docente e discente.

Regina acredita que só a adesão da comunidade dá o sentido educativo: "Esse trabalho nunca poderia ser desenvolvido por uma única pessoa; é necessário que haja uma equipe que esteja interessada na cultura e na cidadania", conclui a educadora.

Colégio Estadual Jardim Meriti  
Rua Genuíno Siqueira, 1.076 – Bairro Jardim Meriti – São João de Meriti/RJ  
CEP: 25555-300  
Tel.: (21) 2651-5838  
Direção: Ocineia Martins da Cunha  
Fotos cedidas pela escola





# Páginas da história



Alunos reconstróem passado de sua cidade e sonham com futuro melhor

Claudia Sanches

**V**ocê conhece o bairro ou a cidade onde mora? Sabe quem são seus vizinhos? Conhece a história da sua cidade? No corre-corre do dia a dia não sobra tempo para prestar atenção no lugar em que moramos.

O projeto *Magé: história e beleza*, realizado pela Escola Solar da Criança, em Santo Aleixo, desenvolvido desde a Educação Infantil até o 5º ano, surgiu com esse objetivo: desvendar os mistérios do município.

A iniciativa foi da professora Roberta Lima, do 3º ano, durante reunião de planejamento, mas os docentes de todas as disciplinas e comunidade se comprometeram com a ideia. Uma das metas era promover um resgate da história, explorar suas características físicas e conscientizar os cidadãos quanto à importância da cidade, inclusive para a preservação ambiental. Segundo a coordenadora pedagógica Denise Borges, o projeto foi um verdadeiro reconhecimento do patrimônio histórico e cultural da cidade que vem desde

o Brasil colônia. Professores e alunos desconheciam a existência da riqueza de Magé, que abrigou a primeira indústria têxtil da América Latina. “Sabemos que o nosso município, que tem mais de 470 anos, possui muitas reservas naturais e pontos turísticos, porém essas qualidades são pouco valorizadas pelo povo mageense”, justifica.

Com o envolvimento com o tema, educadores, alunos, direção e coordenação exploraram diversos tópicos, divididos entre as várias turmas, que abordaram a história, personalidades marcantes, prefeitos e vereadores desde o início da colonização até nossos dias, além de características físicas e preservação do meio ambiente, num lugar chamado “Paraíso Verde”.

O trabalho foi lançado contendo o hino, o brasão, a bandeira e o mapa do município e seus distritos (população, características de cada localidade). A partir daí foram estudadas as riquezas naturais e a preservação do meio ambiente, aspectos físicos





Durante a culminância toda a comunidade prestigiu os trabalhos. Os alunos relataram curiosidades históricas, mostrando a linha do tempo do município. A simulação de um mangue com caranguejos vivos foi um destaque entre os participantes. No estande político os estudantes simularam uma eleição para escolher um novo prefeito para Magé, já que a cidade estava no momento com um prefeito suplente. O projeto ainda contou

(área, clima, relevo, hidrografia), políticos, prefeitos (atuais e antigos), pontos turísticos e curiosidades.

Através de fotos antigas e de hoje os alunos se envolveram em pesquisas, confecção de maquetes, trabalhos, entrevistas com moradores mais velhos, além de fotos cedidas por familiares e personalidades. Os alunos confeccionaram maquetes retratando a primeira ferrovia do Brasil e produziram a exposição “Os horrores de Magé”, abordando massacres por causa de brigas políticas em tempos remotos, o que chamou bastante atenção de todos. Familiares se descobriram em fotos antigas como a inauguração do Colégio Cecenista Primeiro de Maio. Os estudantes falaram sobre a construção de pontes, já que a região é cortada por rios. Os alunos do 2º ano realizaram passeios aos pontos históricos como o Poço Bento da Piedade do Padre Anchieta e a Igreja Matriz, na Praia da Piedade.

com uma sala de vídeo preparada para projeção de DVDs, com títulos como “Magé Barroco”. Houve também a visita dos alunos aos pontos turísticos e históricos.

Segundo Denise, ao sair e registrar suas impressões sobre o seu passado e presente, eles se afirmam como cidadãos: “Temos a certeza de que todos que visitaram descobriram um pouco de seu próprio passado; circularam pelo nosso café histórico personalidades locais e familiares daqueles que se foram, mas estão marcados na nossa memória”.

A diretora Vanúzia Gouveia vê o projeto como um momento de reflexão, que revelou a oportunidade de uma transformação social por parte da população: “Precisamos fazer o município voltar a crescer, e estamos formando cidadãos que possam realizar essa mudança”, finaliza. ◆

Aprender sobre a importância da cidadania foi um dos pontos chaves para o sucesso do projeto e o pontapé para a transformação social



Escola Solar da Criança  
Rua Três Rios, 207 – Santo Aleixo – Magé/RJ  
CEP: 25929-000  
Tel.: (21) 2630-0095  
Direção: Vanúzia Gouveia  
Fotos cedidas pela escola



# Direto da horta...para a mesa da

Claudia Sanches

**H**á quatro meses, todo sábado letivo é a mesma história: os alunos já sabem. É dia de cuidar das hortaliças e legumes, tarefa que faz parte do projeto pedagógico *Horta na Escola, colhendo os frutos do saber*, realizado com o 2º segmento dos ensinos Fundamental e Médio na Escola Estadual São José, localizada em Cachoeiras de Macacu.

Para esses jovens o plantio e manhas da terra não são nenhum mistério, já que moram em uma zona de plantação. A novidade é a abordagem científica. O professor de biologia Antônio Edésio de Souza aproveitou para aplicar as leis de Gregor Mendel, considerado o pai da hereditariedade. Através de experiências de fecundação, ele usa conteúdos para trabalhar bioquímica, doenças, acidez e tipos de solo, entre outros aspectos em que é possível aplicar as teorias.

A ideia do projeto surgiu do professor de Biologia e dos próprios estudantes, que queriam dar um destino ao grande espaço ocioso da escola. Segundo a diretora Célia Macedo, como o colégio se localiza em uma zona rural, todos precisam conhecer um pouco mais sua realidade, com oportunidade de ir além dela: "O trabalho somou muito, pois ensina a produzir o próprio alimento, enriquecer a merenda escolar e a aproveitar o que se tem da melhor forma".


O professor Antônio ressalta que o projeto não foi somente o cultivo da terra e colheita de legumes. Mais do que isso, através dessas práticas, eles têm a oportunidade de associar os conhecimentos teóricos à prática, identificar a relação entre diversas áreas do saber e perceber a importância

do consumo de alimentos saudáveis. Além disso, os benefícios à saúde, inclusive em relação ao uso de plantas medicinais e à utilização racional de plantas ornamentais que tornaram o ambiente escolar mais agradável e bonito: "Ficou acordado que a horta não seria somente uma atividade lúdica, e eles aprenderam a partir do empreendimento", esclarece.

A largada foi a divulgação da proposta entre estudantes e docentes, que receberam a ideia com entusiasmo. Num segundo momento a equipe pedagógica começou a planejar em conjunto, estudando a área do terreno para a horta, o tipo de plantação e a separação de material da demolição das instalações do prédio antigo do colégio para reaproveitamento de material na construção da horta suspensa, uma grande novidade para toda a comunidade.

Depois da campanha da garrafa *pet* e a preparação dos canteiros com esterco bovino, doados pelos responsáveis, os grupos definiram os tipos de plantação – convencional ou suspensa. No início a opção pela estrutura suspensa em forma de pirâmide com vasos de garrafas *pet* surgiu em decorrência da falta de espaço por causa da construção do prédio da escola. Para confecção das formas piramidais, foram utilizados materiais da obra e conhecimentos de Geometria. O novo formato despertou interesse de toda a comunidade pela economia de espaço e promoção de educação ambiental.

Apesar de ter sua origem na disciplina de Biologia, Antônio Edésio lembra que o seu intuito sempre foi promover a interdisciplinaridade e dar



Depois de colherem legumes e hortaliças, os alunos preparam a terra para uma nova semeadura

# sala de aula

chance para os jovens estimularem sua capacidade: “Foram abordados, por exemplo, os aspectos da biologia dos seres vivos envolvidos no processo, a geomorfologia e a composição do solo, a química da vida, o cálculo matemático da produtividade a ser obtida e da biomassa, o registro escrito através da língua sobre os eventos ocorridos, a história sobre as origens de espécies nativas e não nativas da região e do país, a exibição do registro das espécies cultivadas, a importância da atividade para o grupo social, enfim, todos esses e inúmeros outros elementos que podem ser transportados aos conteúdos, ministrados de forma mais burocrática no dia a dia da sala de aula”, explica.

Outro aspecto que Célia destaca é a motivação que essas atividades despertam nos estudantes: “Eles executam funções que proporcionam iniciativa empreendedora, aprendem a trabalhar em grupo, compreendem a extensão de seus direitos e deveres, veem o compromisso com a saúde própria e dos demais, e o respeito e a sustentabilidade do meio, como condições necessárias para se alcançar à cidadania”.

Na culminância, a equipe mobilizou um mutirão que envolveu cerca de 50 alunos do Ensino Médio, o professor de Matemática João Araújo, a coordenadora do turno na noite Joelma e vários funcionários do quadro de apoio e da merenda. Além da preparação do terreno para a horta, os alunos participaram ativamente da

montagem das pirâmides de horta suspensa. Durante o evento foram apresentados vários elementos sobre a produtividade daquele sistema de plantio em relação à maneira convencional como, por exemplo, a produtividade, a ocupação reduzida de espaço e a seleção de espécies mais adequadas àquele modelo.

Além das hortas, o mutirão ainda teve como foco a limpeza da escola com a lavagem de pisos, paredes, carteiras, entre outros, como forma de estimular o cuidado com o ambiente escolar e, principalmente, com o patrimônio público: “É preciso lembrar que a dedicação e o entusiasmo dominaram o comportamento dos alunos e, de certa forma, isso contagiou a todos os funcionários que participaram do trabalho. Eles já estão se preparando para plantar na estrutura da horta vertical”. Segundo a diretora, os participantes deram uma aula de superação: “Apesar do sucesso inicial do projeto, a falta de transporte e de equipamento para o laboratório de ciências dificultou o trabalho, mas os alunos não se intimidaram”.

O maior desafio foi fazer com que todos se conscientizassem da importância para a comunidade carente e mostrar que essas pessoas são capazes. Para a equipe, essa meta foi alcançada. “Produzir seu próprio alimento, enriquecer a merenda escolar, cultivar e descobrir variações de plantas medicinais, alimentares e ornamentais, e ainda vislumbrar novas tecnologias alternativas que contribuem para um mundo mais sustentável. E, cumprindo a proposta, colher frutos do saber. Estamos formando cidadãos que vão ter ferramentas para uma melhor qualidade de vida”, finaliza Célia.

Colégio Estadual São José  
Endereço: Subaio–3º Distrito – Cachoeiras  
de Macacu – Estrada de Nova Friburgo  
Rio de Janeiro – RJ  
CEP: 28680-000  
Direção: Célia Macedo

Alunos se empenham na construção da primeira horta vertical da escola



Visando estimular a prática da leitura entre professores e alunos, a Appai lança o Concurso Cultural Appai na Bienal do Livro do Rio.

# Concurso Cultural

Appai na Bienal

Os 3 primeiros ganhadores receberão:

1°



1° ganhador  
– 1 exemplar do livro *Fala Sério, Professor!*, de Thalita Rebouças, editora Rocco.

2°



2° ganhador  
– 1 Cd *Fazer o Bem*, de Bia Bedran.

3°



3° ganhador  
– 1 exemplar do livro *Como Passar em Provas e Concursos*, de William Douglas, editora Impetus.

## Como Participar

Para participar da promoção Concurso Cultural Appai na Bienal os interessados devem, a partir de **2 de agosto de 2011**:

- Seguir a Appai pelo *Twitter*;
- Dar **RT** aos amigos conforme as notícias recebidas do *Twitter* da Appai com a tag **@appairj**.

As **três** pessoas que mais retuitarem as nossas notícias com a tag **@appairj** receberão:

- 1° – 1 exemplar do livro *Fala Sério, Professor!*, de Thalita Rebouças, editora Rocco.
- 2° – 1 CD *Fazer o Bem*, de Bia Bedran.
- 3° – 1 exemplar do livro *Como Passar em Provas e Concursos*, de William Douglas, editora Impetus.



Para participar leia o regulamento em <http://appainabienal.blogspot.com>

# Appai 25 anos

*de benefícios para o professor!*



### Revista Appai Educar

(Veículo de Apoio ao Profissional de Educação)



### Seguro de Acidente Pessoal Coletivo

(Invalidez)



### Serviço Social



### Benefício de Educação Continuada

(Ciclo de Cursos e Palestras)



### Benefício de Assistência Flex Domiciliar



### Médico Ambulatorial Básico\*

(sem internação)  
(Atendimento limitado a alguns exames, procedimentos e especialidades)



### Jurídico



### Dança de Salão

(Atividade Recreativa)



### Seguro de Vida em Grupo

(Morte e para algumas doenças graves)



### Assistência Funeral



### Odontológico Ambulatorial Básico\*

(Atendimento limitado a alguns exames, procedimentos e especialidades)



### BemViver Caminhadas e Corridas

ANS - Nº 38254-0

Convênios e parcerias com outras instituições (Opcionais)

### ◆ Plano Hospitalar Coletivo ◆ Pousadas

OBS.: Antes de se associar, consulte a Relação de Benefícios para obter mais informações sobre a amplitude dos mesmos e outros convênios.

\*\*Ao associar-se à Appai, você poderá descontar em folha a sua contribuição associativa.

\*\*A opção do desconto em folha estará disponível apenas para as Instituições que tenham convênio e/ou parceria com a Appai.

Siga-nos nas mídias sociais:



Associação Beneficente dos Professores Públicos Ativos e Inativos do Estado do Rio de Janeiro  
Rua Senador Dantas, 117 - sobreloja 211 - Centro - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20031-911

☎ 3983-3200    🌐 appai.org.br    📧 faleconosco@appai.org.br

